

FICHA TÉCNICA

António Campos (CMSNS)
Carlos Encarnação (CMSNS)
Diogo Vilhena (CMSNS)
Gonçalo Chinita (CMSNS)
Hélder Mestre (CMSNS)
Maria Filomena Gonçalves (CIDEHUS-UE/FCT)
Sandra Patrício (CMSNS, CEC-FLUL)
Sofia Costa (CMSNS)
Sónia Bombico (CIDEHUS- UE/FCT)

Concepção Gráfica e Montagem: Ricardo Lychnos
Capa: Carlos Encarnação

ISBN 978-972-8261-25-2
Sines, Câmara Municipal de Sines, 2019

A presente edição não segue as normas do Acordo Ortográfico de 1990.

APRESENTAÇÃO

O Município de Sines tem vindo a desenvolver vários projetos de recolha e registo da memória oral do concelho e dos documentos dos seus munícipes. Nessa recolha e registo tem tido como parceiro o Programa EDP Tradições, que possibilitou já o registo de cerca de 2000 documentos essenciais para a história e memória do concelho de Sines.

Já se incorporaram no Arquivo os elementos reunidos pela equipa responsável pelo documentário Mar de Sines, que constam de reproduções de fotografias e outros documentos emprestados pelos sinienses, assim como as entrevistas realizadas nessa ocasião a dezenas de membros da comunidade piscatória. Fez ainda parte do corpus documental do projeto Dizeres os conjuntos reunidos pelo Arquivo Municipal ao longo do projeto Mosaico das Memórias, que, desde 2015, procura atuar junto dos munícipes para a digitalização de documentos que lhes pertencem e que desejam partilhar com a comunidade, assim como para registar os seus testemunhos. Da mesma forma, foi possível também recorrer aos documentos e às entrevistas realizadas durante o projeto Comissões de Moradores do Concelho de Sines, também realizado no âmbito do Programa EDP Tradições.

Desta forma, o projeto Dizeres também pôde beneficiar das recolhas prévias que foram realizadas, potenciando a descrição arquivística dos documentos e a sua divulgação. Este Glossário que aqui se apresenta contou também com o apoio científico da Universidade de Évora, indispensável para a seleção dos termos.

Fernando Ramos
Vice-Presidente da Câmara Municipal de Sines

INTRODUÇÃO

As comunidades locais de Sines sofreram várias alterações desde o século XIX motivadas pelos ciclos industriais e económicos, desde o ciclo da cortiça ao do turismo e, mais recentemente, o do complexo industrial. A época contemporânea tem sido tempo de cruzamento de populações, culturas e tradições num pequeno concelho de apenas duas freguesias, situado numa área geográfica delimitada e afastada dos grandes centros urbanos portugueses, que cruza o litoral com o interior, entre a Grande Lisboa e o Algarve, tendo como vizinhos os grandes concelhos alentejanos. Às comunidades autóctones e às oriundas do Alentejo, Algarve e Norte do país, durante os séculos XIX e XX, juntaram-se populações que, atraídas pelo Complexo Industrial, sobretudo a partir da década de 70 do século XX, migram para Sines, vindas não só do território português mas também de países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP).

Num contexto de desenvolvimento social e económico que reúne tradição e modernidade, verifica-se que os “modos de dizer” quotidianos se prendem com práticas e vivências tradicionais das comunidades fixadas em Sines antes dos anos 70, cujas actividades principais – a pesca ou a antiga transformação da cortiça – estão em regressão e, com elas, desaparecem também os falantes detentores da memória linguística e cultural mais ancestral.

Urge, por isso, documentar, preservar e divulgar estes modos de falar. Em parceria com a Biblioteca Municipal e com o apoio científico da Universidade de Évora, o Arquivo Municipal de Sines está a desenvolver o Projecto *Dizeres*, cofinanciado pelo programa Tradições da EDP. O projecto, que decorre até finais de 2019, tem como objectivo a recolha e documentação deste património imaterial, para sua salvaguarda como parte da história e da identidade do concelho de Sines, promovendo várias acções de recolha, estudo e divulgação do léxico específico das comunidades locais. Este projecto incide somente no léxico, não visando, pois, uma descrição de todas as características do “locolecto” ou “falar de Sines”. Este insere-se nos dialectos meridionais, conforme revelam os trabalhos pioneiros de Leite de Vasconcelos (1933-1988) nos domínios da Dialectologia e da Etnografia (Vasconcelos 1938; Florêncio 2011).

As acções de recolha junto da comunidade foram realizadas de três formas. A primeira, por meio do registo das expressões e dos seus exemplos entre um grupo de falantes actuais dos concelhos de Sines, Santiago do Cacém e de Odemira, mas que residem actualmente na cidade de Sines. Esses falantes são trabalhadores do Centro de Artes de Sines e seus familiares, bem como utilizadores desse equipamento. A recolha foi realizada entre Dezembro de 2018 e Julho de 2019. As idades deste grupo estão no intervalo dos 35-90 anos. O registo foi compilado no documento denominado *Expressões Populares*, produzido pelo Arquivo Municipal de Sines (código DA004).

Por sua vez, a segunda acção foi desenvolvida à distância, por meio de um formulário disponibilizado, no sítio electrónico do Arquivo Municipal a partir de Janeiro de 2019 (https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdzJE8EBxUoSIUp4ImD0z_uP2ZwUu5pQCFiUGT8JhmPSMHAJQ/viewform). O formulário, que foi encerrado em 19 de Julho de 2019, disponibilizava os seguintes campos: local de nascimento, local de residência, expressão ou palavra, significado, exemplo de utilização. Os membros da comunidade contribuíram com trinta e oito testemunhos de léxico e expressões

usadas/conhecidas em Sines. O registo foi conservado sob o título *Contributos para projecto DIZERES (Respostas)* (código DA008).

A terceira acção centrou-se no trabalho de recolha da memória oral através de entrevistas a membros da comunidade que a Câmara Municipal, desde há muitos anos, tem vindo a fazer, no âmbito de projectos como o Mosaico das Memórias e o documentário *Mar de Sines* (códigos de entrevistas EM e EH).

Por fim, também se recorreu a documentos do Arquivo Municipal de Sines e a literatura de autores locais, como Francisco Luís Lopes e Américo Leal, entre outros, ao Levantamento Cultural da década de 1980 e a publicações on-line da Câmara Municipal de Sines, como o Jornal do Museu “Redes do Tempo” (código BIB).

Importa esclarecer que, em rigor, não existirá um léxico específico ou exclusivo de Sines, mas, sim, palavras, expressões, modos de dizer que, em função das características das comunidades de Sines, adquiriram acepções próprias, sendo usados e partilhadas em determinados contextos (actividades lúdicas, actividades socioprofissionais...). Assim, *Chui!*, expressão usada nos leilões de peixe, ou *barrocas*, nome dado às escarpas entre a actual cidade e a praia, traduzem realidades e vivências locais (Patrício e Pereira 2017) associadas a práticas sociais ou a aspectos geográficos.

O Glossário, que segue o critério alfabético inerente a qualquer rol lexical e inclui palavras, expressões ou locuções usadas em Sines, caracteriza-se, contudo, pela particularidade de, em cada letra, organizar as unidades de acordo com a sua filiação em três campos das actividades tradicionais de Sines, a saber: Terra; Um Pé na Terra e um Pé no Mar, e Mar. Assim, em cada letra do glossário, sob o título de Terra, reúnem-se os termos referentes às comunidades agrícolas, que podem, contudo, não ser exclusivos destas, porquanto muitos são comuns ao resto do Litoral Alentejano. Em Terra cabem igualmente todos os termos que, embora recolhidos na vila, não dizem respeito a actividades piscatórias ou portuárias. Foram aqui incluídos os termos ligados à actividade corticeira.

Inspirado na expressão *Pé no Mar, Pé na Terra*, do poeta popular de Porto Covo Joaquim Augusto (1996), o título da segunda parte é *Um Pé na Terra e um Pé no Mar*. Reúne os termos que espelham o carácter misto das comunidades do concelho de Sines, que tanto se caracteriza pelas actividades ligadas ao mar como pelas ligadas à terra (agricultura e pastorícia).

O capítulo *Mar* compila os termos referentes às actividades piscatórias, marítimas e portuárias, sendo alguns deles conhecidos no âmbito das comunidades piscatórias portuguesas em geral, embora apresentem, por vezes, significados distintos. Contrariamente ao critério aplicado às plantas referidas por Francisco Luís Lopes, incluíram-se as espécies de peixes e mariscos registadas por este médico em 1849, de maneira a ser possível a comparação com as conhecidas actualmente.

No que respeita às expressões recolhidas por Francisco Luís Lopes (2016:162-174), optou-se por não as incluir no Glossário, por serem comuns ao Alentejo e a outras regiões do país. Assim, foram contempladas somente formas consideradas representativas da tradição local, especialmente no que respeita à pesca. No entanto, sempre que para um termo de Francisco Luís Lopes se conseguia encontrar uma citação nas entrevistas realizadas, o termo em causa foi incluído. Quanto aos topónimos, registaram-se aqueles com forte relevo para a identidade local, como os Chãos.

Uma palavra a respeito das unidades excluídas do Glossário. A partir das 1067 expressões inventariadas foi feita uma selecção da qual resultou este documento (ver o Anexo). Começou-se por excluir as repetições e ficou-se com um total de 625 uni-

dades. Destas, excluíram-se 62 % (386 unidades) pelas seguintes razões:

a) Por serem comuns ao Alentejo: 45 % das expressões. Várias unidades lexicais e expressões são utilizadas no Alentejo e no Sul de Portugal, sem serem específicas ou exclusivas do concelho de Sines. São exemplos “largar da mão”; “pinto plainudo”;

b) Por haver dúvidas na sua transcrição: 8 % das unidades. Nestes casos, houve dúvidas na correcção da transcrição de entrevistas orais, pelo que essas expressões foram excluídas;

c) Por existirem na norma do português padrão mas terem uso pouco frequente: 3% das unidades. São termos caídos em desuso ou arcaísmos que se mantêm no Alentejo, como “abrição”;

d) Corruptela de expressão existente: 5 % das unidades. São exemplos “arraia” e “belindre”;

e) Termos conhecidos na pesca e na náutica, sem significado específico em Sines, embora aqui sejam conhecidos: 38% das unidades. Entram aqui os nomes dos peixes e de artes conhecidos em todo o país, não obstante poderem ocorrer no falar do concelho.

A lista das expressões excluídas é disponibilizada no final do Glossário, em anexo, para possibilitar uma revisitação futura. Palavras como “acariar” não foram incluídas, por serem comuns ou populares em toda a região do Alentejo. No entanto, por ser uma marca distintiva da identidade local, o termo “alentejano” foi mantido, já que os sinienses não se consideravam alentejanos, reservando a designação para quem vinha do Alentejo interior a banhos na época balnear. Este termo está claramente circunscrito no tempo, tendo sido utilizado até aos anos 70 do século XX. O mesmo poderá dizer-se de “alcatruz”, “aparelho”, “covo” e “nassa”, termos de artes, bem conhecidos em todas as comunidades piscatórias, mas que correm o risco de deixar de ser reconhecidos pelos restantes moradores do concelho e pelas gerações mais jovens. Quanto a “galego”, expressão usada em todo o Alentejo, na toponímia local de Sines essa unidade ganhou um significado mais cristalizado, situação que também se observa em Chãos, Ribeira e o Bairro das Índia.

Por outro lado, foram também recolhidas histórias e poesias quer junto dos falantes, quer a partir da bibliografia local, materiais a serem incluídos em futura edição autónoma, pelo que não integram este documento.

Para cada unidade/expressão contemplada no Glossário procurou-se apresentar um enunciado definicional ou descritivo baseado nas fontes atrás referidas, cotejadas com as disponíveis num dicionário actual (Priberam, dicionário em linha), mas também com as registadas em obras lexicográficas dos séculos XVIII e XIX, que recolheram a memória lexical anterior e o acervo coetâneo. Sempre que houve cotejo com essas fontes, a referência é registada na entrada.

A equipa agradece ainda ao apoio de membros da comunidade, cujo auxílio e sugestões foi fundamental para o bom sucesso do projecto: Antero Raposo, António Correia, Celeste Apolónia, Francisco Chainho, João Castro e Liliana Rodrigues.

GLOSSÁRIO

vereda

esticar mais do que os elásticos

casqueira

parrete

escalameda

alafalar

projeto

impostar

cuchara

endireita

atãe

enleia
pêra

zorra

chui

maca preta

judeu

alarmidade

galega

partimuneira

não há quinas

pirate

ter amanda

Trilha

escangalhar

pimpelha

carapela

disgustos

esmorecida

xarifa

dar moia

pícaras

aviar o calhau

fueirada

carrega

lêche

amambador

descarçoa

pinto platinado

calhau

cigueira

garnar

sair da calma

encher o bandulho

magane

conduta

mangar

ter bichos carpinteiros

A - Terra

Alamoia

Jogo infantil. Jogo do eixo. Porto Covo

“Abalávamos cantando, lá chegávamos cantando, e isso não nos cansava. Já mulherzinha, já com os meus dezassete, dezoito anos, andávamos na Herdade da Parreira a mondar trigo e então para baixo vínhamos pela estrada, ainda a estrada não estava feita, ainda era estrada antiga, e íamos jogando o jogo a alamoia.” EM006.

Amanhador

Pessoa que através de gestos e palavras cura uma maleita, nomeadamente relacionada com ossos deslocados.

“É preciso levar a criança ao amanhãor.” DA004.

Amonado

Com o mono, amuado, aborrecido, pessoa que amona.

“Não lhe peças nada agora que está amonado.” DA004.

Arraial do gado

Local onde o gado era colocado antes de ser vendido na feira. Acampamento. Porto Covo.

“[Os] Carros dos bois iam todos para aí, porque aqui havia arraial de gado.” EM006. Figueiredo, 2010:188.

A – Um Pé na Terra e um Pé no Mar

Alentejano

Proveniente do Baixo e do Alto Alentejo, especialmente durante a época estival. Os Alentejanos eram os proprietários do Baixo e Alto Alentejano que traziam as famílias antes do reinício do ano agrícola e ficavam uma temporada em quartos e casas alugados. Naturalidade de compradores de peixe.

“Que havia os compradores, que tinham aquelas camionetes, que depois o iam vender, para o Alentejo.” EM011.



Vista de Sines e praia. [1910]. É visível a Praia Vasco da Gama, nomeadamente os toldos dos banhistas, os alentejanos, e embarcações de pesca. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, Fotografias emprestadas por munícipes. CF0041.

Arrombar

Estar com uma luxação. São os amanhadores que tratam uma pessoa arrombada. Segundo Bluteau (1712:568), “Quebrado com violência”, do latim *Effractus, a, um*. Ver também Amanhador.

“A criança está arrombada.” DA004.

Assilhar

Parar, conservar-se em. Permanecer, ficar.

“A água que antes vinha de além com força, não deixava a areia vir assilhar aqui!” EH049.

“Ninguém deixava assilhar uma barraca, para um gajo se agasalhar, em lado nenhum! Este homem é que não se importava de nada!” EH065.

Astro

Referido, pelos pescadores e pelas pessoas que viviam fora dos centros urbanos, como céu. Segundo Bluteau (1712:618), “Figura celeste, ou constellação como qualquer dos doze Signos do Zodiaco” e “tambem se chamaõ o Sol, a Lua, as estrelas assi em particular, como em geral.”

“O astro hoje está escamado.” DA004.

Acavernado

Barco ou abrigo cheio. Ver Cavernado.

“Andava com uma cana e um anzol, ali à ponta da ribeira, trazia ali o bote acavernado de polvos.” EM010.

Acroche

Utensílio de pesca submarina em forma de arco para prender o peixe capturado.

“Tinha o acroche, prendeu ali nas rochas (...) O peixe vinha no acroche.” EM027.

Aiola

Embarcação conhecida em Sines mas originária de Setúbal e Sesimbra. Utilizada também no Algarve (Brandão, 2018:254).

“Comecei a pescar sozinho, num barquinho pequenino, que comprei em Sesimbra. Uma aiolazinha.” EH038. Priberam, Aiola.

[Baía do Porto Covo]. Contém a digitalização de um postal sem indicação da autoria. É visível o porto de pesca do Porto Covo e, em primeiro plano, uma criança a manobrar uma pequena embarcação (aiola). [1920]. Fundo da Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, CF0058.



Alador

Máquina que puxa as artes para dentro da embarcação. Ver também Alar.

“Ao pé do Zé, que está lá à frente, também, está a alar ao alador. (...) Porque, normalmente, usa-se, agora, os aladores para puxarem as artes. Naquele tempo, aquilo, o guincho, é que puxava a renhida, não é? Quando chegava ali à borda, eles é que... E a companhia é que puxava a rede. E, então, tinham aquela canção do Leva Leva, que era a canção rotina deles, que era para dar mais força, mais aquela vontade deles puxarem as artes.” EH064.



[Na traineira Estrela do Mar]. Em primeiro plano, um pescador com fato de oleado, de pé, avança para a objectiva. Em segundo plano, dois pescadores. Ao fundo, do lado esquerdo, o alador. [2000]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Mar de Sines, Coleção Francisco Colitro, MAR_018.0020.0003.

Alar

Puxar a rede para dentro da embarcação, manualmente ou com um alador. Ver também Alador. Segundo Bluteau, significa “Puxar para cima com corda, ou cousa, que o valha, & serve de alas, ou azas para subir.” (Bluteau, 1712:206-207).

“Às vezes, de noite, ouvia-se eles estarem a cantar, pois. Pois, quando estavam a alar a rede. Alar é puxar para dentro. Pois. Chamar alar é puxar para dentro.” EH031.

[**Traineira Sineira**]. A traineira Sineira foi fotografada no mar, com toda a sua companhia, a alar (puxar) as redes. [1920]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Mar de Sines, Coleção de Ana Berta Cardoso, MAR_018.0026.0002.



Albitana

Rede de malha miúda. Um dos panos da rede de tresmalho. Figueiredo, 2010:98.

“Por que é as albitanas? Era para fazer saco ou outro pano. Ficava no meio, ficava com folga à farta. Muita folga. Que era para fazer saco. O peixe investia com a rede e as albitanas ajudava a fazer saco e ali ficava o peixe. Ali. Um peixe maior não cabia a cabeça na malha, ficava embolsado na rede.” EH031.

Alcatraz

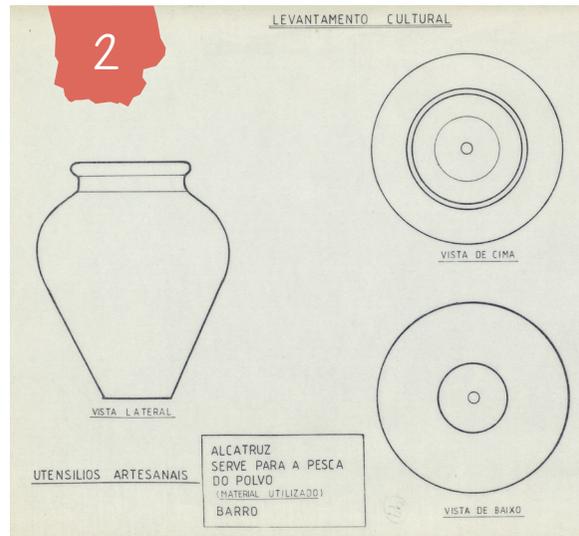
Ave cuja presença indicava a existência de peixe. Albatroz. Figueiredo, 2010:73.

“Os mestres cá em terra quando viam os alcatrazes caírem, era sinal de que andava ali sardinha ou carapau.” EH031.

Alcatruz

Arte de pesca constituída por um vaso de barro, para capturar polvos. O alcatruz foi originalmente usado nas noras, para elevar a água (Bluteau, 1712:223). Segundo Ribeiro (1970:9-11), a arte foi criada no Algarve, no início do século XX, por pescadores da Murtoza.

“Andava ao aparelho, andava aos alcatruzes. (...) Estes são os alcatruzes antigos. Agora, já fazem em plástico. Mas estes são feitos de barro e eram atados pela boca. Faziam aqui um laço e atavam aqui pela boca. O alcatruz ficava pendurado pela boca. Agora, não. Agora, fica assim pela parte de trás. (...) Porque as correntes da água se estiver atado pela boca fica assim contra a corrente, e toda a porcaria, lama e tudo mais entra para dentro do alcatruz. Se estiver atado pelo rabo, pela parte de trás do alcatruz, a boca fica virada para o lado do avesso da água. Portanto, a água bate aqui e já não entra lá para dentro a porcaria, e está limpinho para o polvo entrar. O polvo entra aqui dentro. Se for assim, o polvo quando chega à luz do dia, cá em cima, pode-se ir embora, mas se estiver assim, está sempre escuro. Já está fora de água e ainda está escuro, porque está dentro do alcatruz. Está a perceber? Portanto, apanha o dobro dos polvos, do que apanha atados pela boca.” EH038.



1 - [Um alcatruz]. Um alcatruz coberto de concreções, depois de recolhido do mar, no Museu de Sines. [1980]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, nº. CFA0003-7. G2.

2 - **Levantamento Cultural**. Utensílios artesanais. Alcatruz. Esquema de um alcatruz usado para a pesca do polvo. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Património Cultural. Inventários do património móvel. IDD23, nº 3197.

Alfaquim

Espécie de peixe conhecido por peixe-galo em Setúbal (Bluteau, 1727: *Supplemento* 1:26). Lopes (1850:107); Figueiredo, (2010:78).

“Pescava alfaquins ou peixes-galo.” DA004.

Alvacórea

Espécie de peixe. Segundo Bluteau, a albacora, albecor ou albecora era um peixe de alto mar (Bluteau, 1712:210). A designação hoje reconhecida é “albacor” (Priberam).

“As pessoas vinham aqui à pesca das alvacóreas.” EM010.

“Albacóra”. (Lopes, 1850:107).

Alvorar

Encalhar os barcos, prendê-los.

“A gente é que puxava os barcos. Andávamos com aquilo à roda, e alvorava-se os barcos, encalhava-se os barcos. Barcos ali, com oito metros, nove metros, encalhava-se. E outros ficavam atados. Quando havia, atados lá, à muralha, ficavam; se não houvesse, tinham que ser encalhados. E aqueles pequeninos, de três metros ou coisa assim, isso, vinham cá, pela estrada acima.” EH69.

Amocar

Sopro muito violento do vento.

“Fez uma vez um ciclone, durou 6 horas! O vento a amocar aí com as casas!” EH027.

Andiche ou Andicho

Local onde se põe o isco, numa arte de pesca. Segundo Figueiredo (2010:718), um endiche é “uma rêde vertical, que guarnêce a boca de uma armação de pesca.”

“Antigamente, pescava-se era com isso, com essas ditas nassas, que a gente chamava covos. Era de madeira e corda, pronto. E tinham um andicho, onde é que se metia o isco. (...) A lagosta entrava e já não saía.” EM10.

“Era com covos de vime. Com uma entrada chamada um andiche. Punha-se duas iscas de cada lado, e as lagostas entravam lá para dentro, depois, e depois já não saíam.” EH034.

Aparelho

Arte de pesca constituída por um conjunto de cabos, anzóis e linhas (Figueiredo, 2010:155).

“Da pesca do anzol, quer dizer, se andavam ao aparelho. E o aparelho que era aqueles caixotes com muitos anzóis.” EH31.

“Pronto, este aparelho, eu apanho quase toda a espécie de peixe que há, aqui, na nossa costa, hã! Isto é um bocado trabalhoso. A gente tem que iscar o aparelho. Isca com bocadinhos de cavala. É o anzol número 12. Iscamos com iscas de cavala e de lula.” EH64.



[Virgulino Paixão e uma caixa de aparelho]. [1980]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção de Luísa Paixão, MAR_018.0004.0004.

Ardentia

Fosforescência das águas do mar à noite, causadas pelo movimento dos cardumes. Segundo Bluteau (1712:481), o fenómeno está associado a tempestades. (Figueiredo, 2010:178).

“Ver o peixe à ardentia, o mestre vai na ponte leme (...). O mestre vai dentro da ponte leme e eu vou à proa; quando vejo o peixe, mando o barco ao estibordo ou ao bombordo e jogo uma bóia luminosa para cima do peixe e mando lá safar a rede; mando safar a rede, faço a largada; se ele não desaparecer, apanha-se; se ele ficar, a gente apanha o peixe. (...) Mas é só com o escuro.” EH023.

“Até aqui via-se. Aqui, via-se também. Aqui, no tempo, que eu comecei a andar ao mar: eh, estava o mar cheio de peixe! Cavala, sardinha, carapau. Via-se muita ardentia de peixe.” EH053.

Arriba, arriba, a armação fachou

Sinal vocal dado para terra no momento em que os batéis da armação chegavam com peixe, para chamar as pessoas para descarregar.

“Quando a pesca era abundante, do mar davam sinal, acendendo grandes fochos e logo, em terra, o vigia gritava «Arriba, arriba, a armação fachou».” (Leal, 2001:26).

Arte da boga

Arte de pesca que usava a rede branquera (rede de tresmalho) para apanhar bogas. Ver também Rede branquera. Ver também Albitana.

“Andava-se com a rede da boga, com a rede branquera. A rede branquera chamava a gente, que era uma arte com três panos, três panos. Tem um ao meio de malha curta e tem duas de lado que é as albitanas.”EH031.

Arte saca

Arte de pesca.

“Também havia, às vezes, quando havia tempo, o mar deixava ir ao mar largar aquela arte grande: é a arte saca. Largava-se aquela arte.” EH031.

Assuvinado

Qualidade do mar com rochas logo à superfície.

“É só bicos!... Tem bicos desta altura! Mas bicos, mas bicos... Tudo assuvinado além! É perigoso além aquilo!” EH065.

Atravessado

Peixe que era substituído por outro, quando estava em mau estado, no momento da venda.

“Os quarteirões era: a gente vendia, havia um comprador que comprava, dizia que queria cinquenta, era dois quarteirões, era vinte cinco com um atravessado, que era para algum que tivesse rebentado a ver se compunha e mais vinte cinco. Portanto, levava cinquenta e dois peixe-espadas.” EH060.

vereda

esticar mais do que os elásticos

casqueira

parrete

escalameda

alafar

impostar

cuchara

endireita

partimuneira

atãe

enleia
pêra

zorra

projeto

maca preta

judeu

galega

pimpelha

carapela

não há quimeras

pirate

ter amanda

mocho

B

ridade

escangalhar

diabros

fueirada

esmorecida

xarifa

pícaras

avriar o calhau

carrega

lêche

amambador

cria noia

pluminda

calhau

cigueira

garnar

sair da calma

descarçoa

magane

mangar

encher o bandulho

conduta

ter bichos carpinteiros

B - Terra

Bailes de cadeia seguida

Baile em que os participantes colocavam os braços em roda.

“Tantas modas que a gente cantava. Bailes de cadeia seguida. Tinham lá... Tinham o seu... Como é que eu hei-de dizer? Quer dizer, nem toda a gente sabia bailar isso. Aquilo era passados com os braços sempre em roda. E aquilo era quando estivesse outra malta de um bocadinho de mais idade: «Moças, vamos lá dançar mais esta! Vamos dançar aquela!».” EM006.

Brandeiro

Pão pequeno, acabado de cozer, dado às crianças.

“Párem quietos à volta do forno, tomem lá um brandeiro!” DA004.

Broquista

Operário corticeiro que fazia as rolhas recorrendo à broca.

“Os trabalhos mais pesados eram para os quadradores. Nunca me lembra de uma mulher fazer o serviço que eu fazia, por exemplo, a quadrar, a fazer quadros, é, nunca me lembro. Ou garlopista, pois. Ou broquista, vá.” EH013.

B - Um pé na terra, um pé no mar

Banho 29

Tradição de tomar um banho de mar no dia 29 de Agosto. Cada banho valia por 9. Até à segunda metade do século XX a população rural deslocava-se a pé ao Porto Covo para participar na feira e banhar o gado. O banho tinha como objectivo proteger os animais e podia incluir a bênção do padre.

“R: Iam tomar banho. Ainda hoje, no dia 29, há gente que está 1 ano sem tomar banho no mar e no dia 29 vai tomar banho.

E: E vinha muita gente aí do interior? E traziam os rebanhos? E traziam isso tudo?

R: Uns traziam os rebanhos. Gente que vivia dos rebanhos. E depois vinham para aí, davam banho ao gado. Depois, abalavam.” EH27.



O gado é levado ao banho. Vários proprietários trazem os seus rebanhos até à beira-mar, no Porto Covo, para o Banho 29. [1910]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Colecção Mosaico das Memórias, doação de António Quaresma, MMS-50.0001.

Barroca

Pequena porção de terreno, geralmente em declive e composto alternadamente de depressões e montículos. Em Sines, a falésia que separa a vila da praia. Segundo Bluteau (1712b:58), numa citação de João de Barros, “Por a terra ser huma Barroca em lugar de muro.”.

“E ás rochas escarpadas, ás ladeiras, aos taboleiros de verdura impendentes, á exotica bananeira, a casas dependuradas, a uma subida de calçada, a cannaviaes debruçados, a tudo isto, chama-se em Sines Barrocas.” (Lopes, 1850:32). Priberam, Barroca.



Sines vista parcial. Postal, primeiro quartel do séc. XX. É visível a praia, circundada pela barroca, no topo da qual se encontra a vila. Arquivo Municipal de Sines, Câmara Municipal de Sines, Coleção Fotográfica, CF0002.003.

Bicoso

Pessoa que não gosta de toda a comida, que come pouco.

“Não sei o que hei-de fazer ao moço, é muito bicoso!” DA004.

Buano

Restos de peixe que serviam como adubo. Corruptela de Guano.

“As peles das cavalas, a espinha, quando fazíamos os filetes, vinha para aqui, para secagem, para secagem ao sol. E isto mandava muito cheiro, aí, para os arredores. Muito, muito, muito cheiro (risos)... Havia alturas, então, que as pessoas, coitados, não podiam. Que era chamado o dito buano, para ir para comida de animais e para alimento de terras. (...) Portanto, além, olhe, onde vem aquele carro a passar, mais ou menos, sim; além, mais ou menos, àquela ponta daqueles primeiros prédios, foi a primeira construção que se fez aqui, era um dito armazém, onde se armazenava este dito buano. Ficava uma espécie de farinha, depois de já estar muito seco. Havia aqui gente a trabalhar nisto, a tratá-lo. E que ia para além, para aquele dito armazém, para ser guardado, para ser ensacado, ensacado, para depois vir um carro carregar, para ir para o destino dele! Ou para animais ou para as terras.” EM014.

“Semeava uma cerca, aí adiante. E tinha alhos, favas, ervilhas; coisas que semeava ali para gasto de casa. E, então, ia dar o buano a uns alhos. Nesse tempo, isto aqui, onde é agora a minha casa, era uma figueira muito grande e era umas cercas, e tinha...” EM003.

Burro

Jogo praticado nas tabernas que consiste em lançar pequenas malhas ou discos para um tabuleiro inclinado, em quadrículas numeradas, e numa delas uma cabeça de burro. Priberam, Burro.

“Em todas as tabernas havia o jogo do «burro», que consistia em introduzir uma moeda num dos buracos abertos num tabuleiro de madeira, tendo cada buraco o seu valor em pontos.” (Leal, 2001:24).

B - Mar

Badejo

Espécie de peixe parecido com o bacalhau. Abadejo (Lopes, 1850:107; Figueiredo, 2010:241).

“Nesse tempo, havia muito peixe, agora é que não há peixe nenhum. Embora haja, e algum que há, tem desandado daqui para fora. Olhem, uma coisa que havia aqui tanto... Tanto badejinho assim... Aquilo havia... Havia enxovas. Havia toda a qualidade de peixe...” EH022.

Bairro das Índias

Toponímia. Bairro da cidade de Sines hoje mais conhecido como Bairro Marítimo. Construído em terrenos municipais por pescadores, marítimos e operários a partir das primeiras décadas do século XX.

“Eu vivi no Bairro das Índias quando aquilo era só cabanas de madeira e estormo.” DA004.



Patiscada no Pinhal do Bairro das Índias. [1950]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Mar de Sines, Coleção de Ana Berta Cardoso, MAR_018.0024.0007.

Bandaço

Movimento do mar.

“E, depois, com o bandaço do mar, aquela do meio, que tem mais folga, faz assim: o peixe entra, fica enleado naqueles bolsos.” EM016.

Bandeireiro

Espécie de peixe parecido com o picacho. Ver também Pargo e Picacho.

“Sítios que a gente sabia que era bom de picachos, pargos grandes, bandeireiros. O bandeireiro é como o picacho, é um peixe maior do que o pargo.” EH031.

Banheira

Roupa de ganga, usada para o banho de mar.

“Não usavam fatos de banho, nesse tempo não haviam, eram banheiras, feitas de ganga, eram de ganga até aqui ao joelho, e iam tomar banho.” EM006.

Barco à lota

Expressão que indicava que um barco carregado do peixe ia vender a carga.

“Chegava um barco ali à ribeira: «Olha, vai-se vender um barco à lota». Chamavam assim, um barco à lota. E era vendido lá com contos, contos e contos lá por aí a cima.” EH031.

“Lota (uma) - um conjunto de peixes para venda.” (Correia, 2010:175).

Barria

Quando as sardinhas nadam em cardume.

“A gente via, por exemplo, as sardinhas virem ainda antes destas muralhas. Vinham de Morgavel. Em barria, vá lá, chamam eles a barria. E os peixes-espadas a sacudirem-las.” EM010.

Barroso

Espécie de peixe de cor preta, com focinho chato e pele com um invólucro granuloso (Figueiredo, 2010:259).

“Os pescadores, influenciados pela fraseologia barata do tal repórter [em relação à Guerra Colonial] passaram a chamar-lhes “turras” hoje esses peixes, de nome científico difícil de assimilar, são conhecidos na gíria piscatória por barrosos, lixas, peixes arreganhados e paletas - por curiosidade, acrescentar que as paletas também por cá são conhecidas por “polícias”, uma vez que têm a particularidade de possuírem uma cabeça alongada, lembrando a pala de um boné.” (Vilhena, 2006: 73).

Boa pedra

Local de criação dos bons percebes.

“Uma boa pedra é uma pedra que tem muita corrente; que tem muita oxigenação da água, que é como a gente vemos, às vezes, a espuma, ou aquela espuma branca no mar; e que cria bom percebe, um percebe consistente; e que desenvolva rápido o percebe. É uma boa pedra. Porque há diferenças de pedras. Há pedras que criam pouco percebe. Ou o percebe é mais fraco, como se chama, o mijão! E outras, as pedras, têm boa qualidade de percebe. Nós aqui em Sines ainda temos aqui umas boas pedras. Poucas, mas boas, a nível de qualidade de percebe.” EH047

Boinho

Espécie de âncora para prender o barco.

“À medida que ia ao leme, eu punha as pedras ou punha os boinhos.”EH029.

Branca (à...)

Imagem que se recebe quando o peixe aparece em grandes quantidades. Ver também Ardentia.

“E era à branca! Que ainda hoje se apanha, também. Que é: quanto está escuro, que a água está “muita” quente, a água arde. Poças! Tem um ardor! Faz um cantil, parece lume, à frente do barco! O barco vai passando e vai deixando aquele rasto! E o peixe faz o mesmo! E, então, a gente vê as brancas do peixe até cá longe, de sardinha.” EH039.

Brancor

Imagem que se recebe de um cardume de peixe a nadar. Ver também Ardentia.

“Não se vê o peixe, vê-se é aquele brancor onde o peixe vai, junto, em magote.” EH031.

Bruxa

Espécie de caranguejo sem valor comercial. Figueiredo regista o termo com a acepção de um peixe marítimo no Douro (Figueiredo, 2010:312).

“Muitas vezes, nós apanhamos vários tipos de marisco, desde navalheiras, desde bruxas. A navalheira é uma coisa que há mais abundantemente, não é? A gente vende. Mas bruxas, geralmente, a gente fica com elas.” EH024.

vereda

esticar mais do que os elásticos

casqueira

parrete

escalavarda

alvalar

impostar

cuchara

endireita

partaminina

atã

enleia
pêra

garra

projeto

chui

maca preta

judeu

galega

não há quimeras

pirate

ter amando

mocho

em la
astro

carriedade

descampalar

pimpalho

carapela

diapores

esmorecida, xarifa

o

pícaras

avriar o calhau

fueirada

carrega

lôcho

amambador

prua
dois
descarçoa

calhau

cigueira

ganear

sair da calma

encher o bandulho

prua
plumada

magane

mangar

conduta

ter bichos carpinteiros

C - Terra

Cana

Plantas da família das canáceas. As canas têm vários usos quer nas actividades agrícolas quer piscatórias e servem também de vedação. Matéria-prima usada na construção da jangada de São Torpes.

“O pinheiro e a cana são indígenas de Sines.” (Lopes, 1850:50).

“Canna - Arundo donax.” (Lopes, 1850:111).



A jangada de São Torpes. Um positivo a preto e branco. A família Prendas, composta por quatro pessoas, junto a uma jangada de São Torpes, com dois remos, na Praia. [1950]. Arquivo Municipal de Sines. Colecção Mosaico das Memórias, empréstimo de Palmira Periquito e João Prendas, MMS-49.0002.

Cantiga de quarenta pontos

Canção dos meios rurais.

“Cantiga de quarenta pontos- composição poética muito generalizada no Alentejo. Constava de mote com quatro versos e quatro décimas que glosavam cada uma delas com um verso do mote, respectivamente.” (Silva, 1996:201).

Chãos

Toponímia. Perto da actual cidade estão terrenos chãos, planos, de bom terreno agrícola. O lugar está relacionado com a lenda da aguilhada, relativa a Vasco da Gama (Campos, 1985).

“Para sueste a terra altêa e corcova-se bastante até ir formar a planura, que aqui se conhece pelas chans ou altos chãos.” (Lopes, 1850:33).



Porto Oceânico de Sines para navios até 500.000 toneladas. Visão da pedreira em Monte Chãos. [1977]. Arquivo Municipal de Sines. Coleção Mosaico das Memórias, António da Costa Beja, unidade de instalação 3, documento 6.

C – Um Pé na Terra, Um Pé no Mar

Cadino

Ser propício a.

“Para os barcos que tem, é. É uma costa muito rica de peixe. A nossa costa é uma costa muito rica, mesmo cadina de peixe. E criadora de peixe, mesmo. Até esses barcos, que estão aí, do norte das redes, então, o que é que os homens têm apanhado aí!... No entanto, só que aquelas coisas, também não... Aquilo não se cria... cria-se, mas tem que se dar tempo para se criar. E aquilo, às vezes, é assim: uma pessoa, às vezes, semeia no campo, aí no campo, e não se recolhe nada; e eles lá, no mar, querem só recolher e não querem semear!” EH069.

Caboz

Espécie de peixe. Segundo Bluteau “Peixe de feitio de Enxarroco. Pescase no mar de Sezimbra.” (Bluteau, 1712b:20). Ver também Xarroco.

“Caboz?” Lopes, 1850:107.

“Os cabozes, e, depois, a minha mãe fazia de molho branco. Bom, aquilo era de comer e chorar por mais (risos...). Ainda hoje tenho desgosto de nunca mais comer.” EM012

“Ele bandeou a cabeça de cima para baixo, dizendo que estava a acabar o pão com toucinho frito, iria beber mais uns goles do tinto e ficava bem assim - ela que fizesse os cabozes para a noite ao jantar (...).” (Vilhena, 2006:47).

Caçada de redes

Redes colocadas no mar para pescar.

“Só largando uma caçada de redes e mais da parte da fondura é que apanha esse peixe.” EH035

Cala

Cabo. Para Figueiredo (2010:338) “Corda de esparto, para alar ou arrastar certas redes, fixadas nos calões.”

“Isto aqui é... Aqui, leva uma pedra. E, aqui, leva uma cala. Uma cala com a bóia. Isto, arte desta, já quase ninguém usa. Só, a bem dizer, a gente e ali outro rapaz, ali, do outro lado. E lá no Porto Covo... Lá, em Milfontes, não sei se alguém ainda usa disto.” EH063.

Calamento

Técnica de conservação das redes de pesca.

“As redes eram conservadas pelo processo do «calamento» que consistia na fervura da casca do pinheiro, sobretudo manso, num caldeirão onde se metiam as redes que, depois, eram postas em tabuleiros «maceiras» e estendidas ao sol.” (Campos, 1985:28).

Caldeirada

Palavra usada em Sines com pelo menos dois significados, o de grande tempestade e o gastronómico.

1- Grande tempestade. “Grande chuvada” (Vieira, 1873a:45).

“Um gajo abalava daqui para Safim ou para Lanzarote, pronto, um gajo já sabia que, de vez em quando, apanhava aquelas grandes caldeiradas, que um gajo tinha que fugir para a terra e estar, estar lá abrigado um dia, dia e meio.” EH035

2- Prato com vários peixes, batata e tomate elaborado pelos pescadores. “Cozinhada de peixe ordinariamente miúdo, que fazem os barqueiros, pescadores, habitantes das costas, etc.” (Vieira, 1873:45). É feita e consumida sempre uma grande caldeirada em Sines no Dia do Pescador (29 de Maio). A bordo, era feita e consumida caldeirada durante as campanhas.

“J. Gonçalves: A gente comia peixe de caldeirada, peixe frito; tudo, tudo, tudo... A gente escolhia o peixe que queria. A gente, não, os cozinheiros. Os cozinheiros é que escolhiam. Queria cherne. Cherne cozido com caldeirada ou com batatas. Ou peixe-espada frito. Ou qualquer coisa. Era tudo à vontade dos cozinheiros. Comia-se bem. Comia-se bem, lá.” EH035.

Jantar de pescadores aquando da visita de Marcelo Caetano a Sines. Um grupo de pescadores saboreia uma caldeirada, por eles oferecida a Marcelo Caetano, presidente do Conselho, quando veio anunciar obras no porto de Sines. [1971]. Arquivo Municipal de Sines, Coleção Mar de Sines, Coleção de Maurício Venturinha, MAR_018.0034.0009.



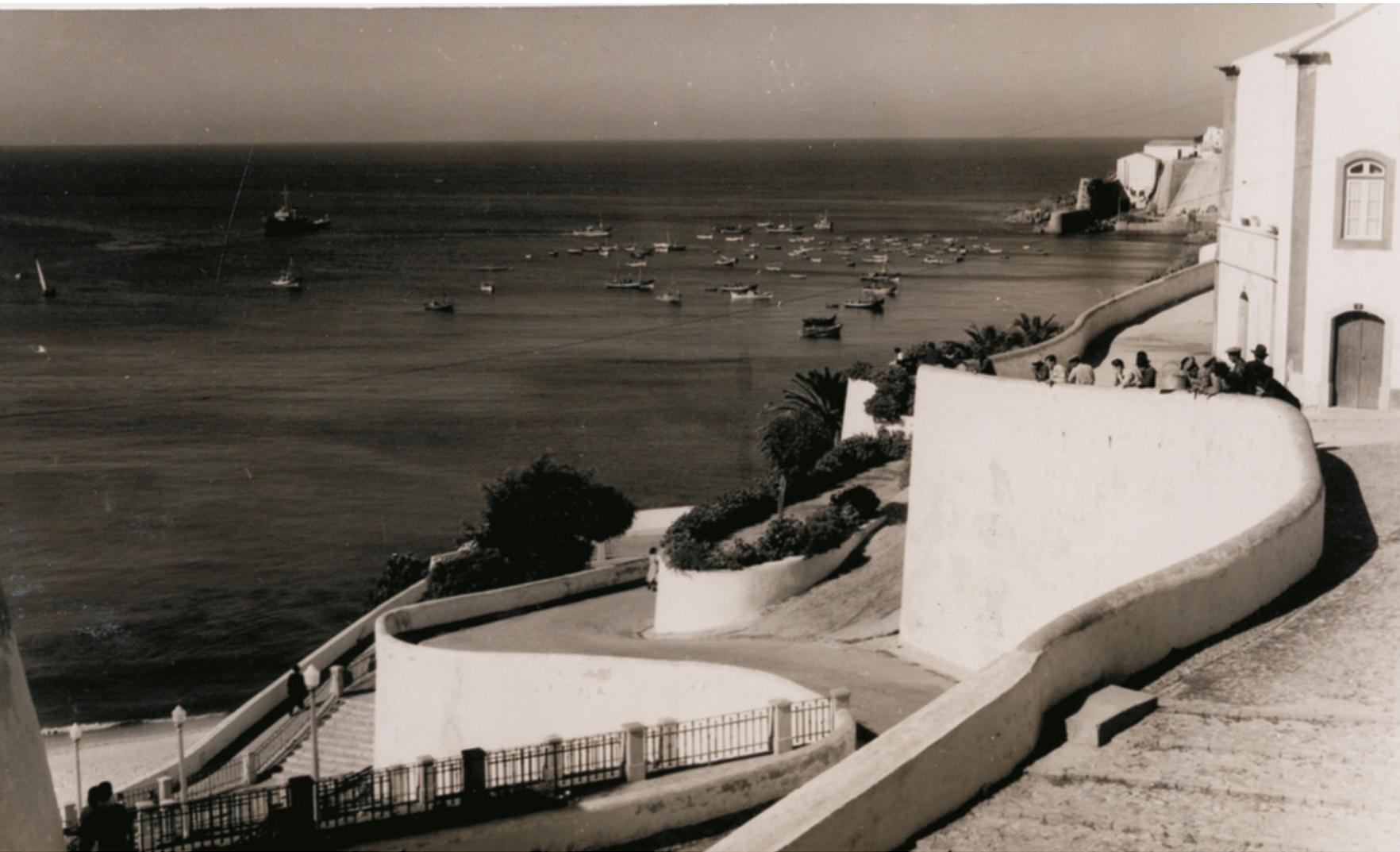
Calhau

Marítimo que ficava em terra para dar sinal da chegada dos botes da armação.

“Uma das figuras típicas era o Calhau que, de madrugada, batendo de porta em porta, para acordar os camaradas, fazia o seu trabalho de despertador.” (Campos, 1985:26).

“O nosso calhau; o Adelino Marreco; o Governa a Vida; isto sou eu. Já morreu tudo. Estou cá eu a penar. Já morreram todos. (...) Então, ia chamar o pessoal, e ajudava a descarregar o peixe, e coiso... Era um calhau. Pois. O Zé Calhau que já morreu, pois.” EH042.

“Isto está ligado à pesca, vão permitir que eu diga, naquele largo dos Penedos, punham-se os chamados homens que eram os calhaus, que era o nome que se dava, que era os chamadores das armações, das traineiras. E, como sabe, isto havia algumas armações, aqui. E eles punham-se ali, nos Penedos, que eu conheci, era moço, chegava a estar ali, ao pé deles. Quando o tempo estava claro, era claro, as vigias da armação quando viam que estava peixe dentro da rede, faziam sinal com um fogacho; eles ali, nos Penedos, viam, era quando iam chamar o pessoal para se ir para o mar.” EH067.



[A observar a baía, em pose de calhau]. [1950]. Arquivo Municipal de Sines, Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, n.º CF0225.

Calheta

Reentrância, angra, baía. Toponímia. Em Sines, o local onde os barcos de pesca eram abrigados, formado por um abrigo natural reforçado e expandido a partir do séc. XVII por molhes. Vieira cita João de Barros para definir o termo: “Pequena angra, quebrada ou boqueirão nas costas bravas e recifosas, onde podem entrar os navios para aportarem a terra.” “Onde quebra o mar, faz humas calhetas para poderem desembarcar.” Barros, Década II, foi. 79. (Vieira, 1873a:48).

“(…) huma calheta omde se recolhem dez e doze bates pequenos de pescar, abrigada do vemto oeste da parte do mar, ata o nordeste” [descrição do porto de Sines em 1532] (Freire, 1906:334).



[A Calheta]. Imagem dos barcos de pesca encostados na reentrância formada pela restinga natural e por muros de pedra, designada Calheta. [1960]. Arquivo Municipal de Sines, Câmara Municipal de Sines, Coleção Mosaico das Memórias, empréstimo de Carlos Diogo, MMS-53.0035.

Caneja

Espécie de peixe, da espécie do cação (Figueiredo, 2010:358). Ver também Perna de moça.

“Caneja?” (Lopes, 1850:107).

“Desde a cornuda, o olho branco, o anequim. Todos estes peixes. A tintureira, a caneja, o cação. Apanhava-se estes peixes todos.” EH029.

Canoas da picada

Barcos de pequeno porte usados para o transporte de cargas.

“As canoas da picada/andavam sempre na liça/a tua baía pejada/de barcos para levar cortiça.” António Amaral da Silva, IDD 23, n.º 2011, n.º 96.



“Sines é a Pátria Gloriosa do Epico Navegador Vasco da Gama”. A Praia Vasco da Gama no início do século XX e das actividades económicas aí desenvolvidas. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Colecção Fotográfica, Fotografias emprestadas por municípios. CF0019.

Cão do monte

Espécie de peixe sem valor comercial mas conservado salgado e seco e consumido no Inverno. No levantamento de Correia (1996:173) cães do monte significa rapazes do campo.

“Cão do monte é uma especialidade de peixe. Ali em baixo a rapaziada ainda salga (...). Não há bacalhau no mundo melhor do que o cão do monte. (...) O meu tio Zé Cabos Quadra, o meu tio Zé Venturinha, ali no armazém dele secava toneladas de peixe: cação, cães do monte, arraias; todo esse peixe ele secava para vender no São Martinho, porque era naquela altura do São Martinho é que tinha a maior saída.” EM010.

“Até demos. «Ainda tenho tempo de apanhar cães do monte, depois, logo, seco!» Porque todos anos seco. Todos anos!... E, então, se for este ano, vou fazer mais uma seca (risos...). Eu seco aqui (risos...). Meto aí a corda, aí, fora; estendo-os; meto o sal. Todos anos, seco cães do monte, todos anos. E, depois, dou alguns a pessoas conhecidas, que pedem-me. Eles estão-me sempre a... Pessoas conhecidas, malta amiga, está-me a pedir e eu, depois, dou. Fico com alguns para mim e vou dando. (...) Eu estendo aí assim fora. Estendo, aí, estendo. Eu, depois, colho e, depois, estendo... Depois estendo, ali, umas cordas. Estendo, além, umas cordas. Estendo-as, além. Depois, quando vem o sol, no outro dia, meto-os além, a enxugar. Aí, a malta está-me sempre a pedir! Tantos! Tanta pessoa que pede aquilo.” H063.

Caralhete

Espécie de peixe com pouco valor comercial. Segundo um dicionário electrónico brasileiro, “Caralhete é o nome de um peixe de águas profundas, mas de pouca qualidade comestível pois possui muitas espinhas e tem a carne muito mole. Este peixe ou quem sabe expressão que designa esse tipo de peixes que possuem também cor amarela e cor-de-rosa é bem conhecida no Alentejo litoral e Algarve¹.”

“A gente chama (risos) o caralhete, um peixe que é uma maravilha. E, depois, à lota os gajos não querem, não compram.” EH035.

Caramujo

Molusco marítimo, univalve, também conhecido por burrié. Os sinienses eram conhecidos como Caramujos, ao invés dos Lagartos, de Santiago do Cacém. Bluteau recorda a antiguidade da palavra: “Caramujo. Marisco que se apanha nas pedras. Tem a casca quasi redonda, & hum miolosinho, que se tira com hum alfinete, para se comer, ou se quebra, se quer. Sahe da casca, porém não a larga, mas anda com ella às costas, como, Caracol reparou Camoens nesta propriedade, quando disse Cant.6. Oit. 18.” (Bluteau, 1712b:136).

“Caramujo (burrié).” (Lopes, 1850:105).

“Caramujo/Brigão - Burrié; molusco gastrópode de concha univalve.” (Correia, 1996:173).

“Edição do Comércio de Sines de Higinio Guizado, Sines”. [1920]. Imagem da loja de Higinio Guizado Espada situada no actual Largo do Castelo, conhecido por Largo dos Galegos. Aí se situava a Havaneza Sineense, que vendia livros, material escolar e artigos de mercearia. Arquivo Municipal de Sines, Câmara Municipal de Sines, Coleção Fotográfica, CF0053.



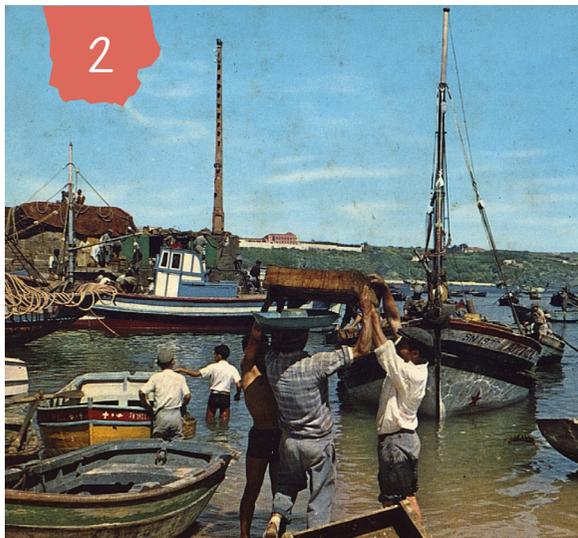
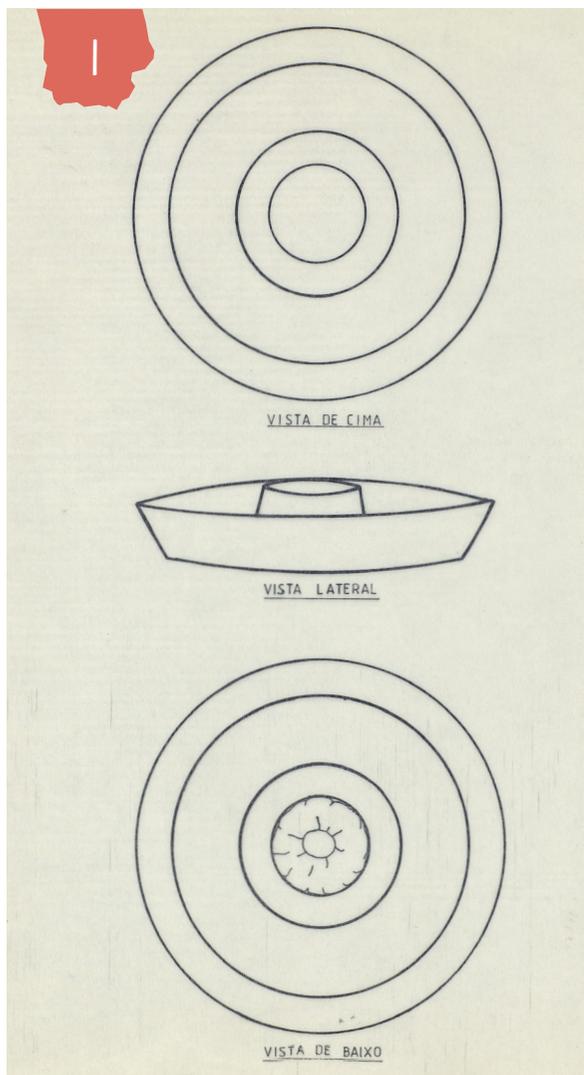
1 Disponível em <<https://www.dicionarioinformal.com.br/caralhete/>>

Carrega

Marítimo que descarregava o peixe dos barcos para terra, com um chapéu metálico à cabeça.

“Chico Cristóvão: Aqui vê-se, aqui a areia, e aqui já as caixas de peixe aí na areia e os carregas a levarem-no já para cima.” EH010.

“Vim para esta profissão: Carrega. (...) Foi quando eu fui fazer este serviço: carregar peixe para a ribeira.” EH042.



1 - “Levantamento Cultural. Utensílios artesanais. Chapéu de metal”. Esquema um chapéu de metal usado pelos carregas para transportar o peixe nas caixas. Tem a vista de cima, a lateral e a de baixo. O chapéu feito de latão e um pano no interior para protecção da cabeça. Folha plastificada. [1982]

2 - “Sines: desembarque de peixe”. É visível a descarga de peixe na Calheta de Sines, com um “carrega” em primeiro plano e dois homens a colocar-lhe uma caixa de peixe no chapéu. Em segundo plano, duas crianças a trabalhar e um dos molhes da Calheta. [1960]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção de Melinita Freire, CF0264.0002.

Catre

Tinta usada para tingir as redes.

“Dava-se tinta com catre. A tinta que chama-se catre. Com a casca do pinheiro faziam tinta. Esmigalhado! Também faziam tinta para tingir. Aquilo era para tingir a rede. E, depois, punham alcatrão, também, misturado, com aquelas tintas. Punham o catre e punham, um bocadinho, de alcatrão, que era para a rede aguentar mais. Se não dessem aquela tinta e aquele alcatrão, a rede não aguentava coiso.” EH039.

Cavernado

Cheio, repleto.

“Eu cheguei a apanhar, com duzentos anzóis, um bote cavernado de peixe, e hoje vai-se com mil anzóis não apanha peixe para comer.” EH031.

Cebertas

Tipo de rede de pesca.

“E havia as cebertas, que era a rede com que eles apanhavam os linguados, ali em Setúbal e aqui. Aqui havia poucas. Só havia gente na rede, aqueles rapazes que vinham de Santo André, lá da Costa. Porque aqui os pescadores usavam mais o aparelho. É que pescavam mais à pesca da linha, porque havia grandes pescadores à pesca da linha. Por exemplo, esses Abentas, e os Baías-Baias e... É uma série de gente que pescava de outra maneira. Apanhavam corvinas, apanhavam o pargo.” EM010.

Chamacera

Chama usada como artimanha de pesca.

“Abusámos ali à borda uma chama, não chama-se uma chamacera, uma chama, passámos a volta assim a coiso... Apanhámos a cabeça ali, e vai com a cana de leme. A cana de leme, não é. A gente usava já um pau a propósito para isso. Duas mocadas ali no focinho e o peixe desmorece, desmorece logo.” EH031.

Chata das traineiras

Botes pequenos, de fundo chato usados para transportar os pescadores até embarcações de maiores dimensões. O termo também é usado para denominar o barco auxiliar que, na arte de cerco, ajuda a fechar o cerco da rede.

“O problema da gente, tinha-se os barcos fundeados em frente à praia, mas para se fugir para bordo tinha-se que ir naqueles botes pequenos, chama-lhe a gente a chata da traineira. (...) o cerco da rede“ EH032. Figueiredo, 2010:425.

Chalupa

Embarcação com viveiros no fundo, para pesca da lagosta. Segundo Figueiredo, “Pequena embarcação de um só mastro, para navegação de cabotagem. Barco de vela e remos.” (Figueiredo, 2010:419).

“As chalupas francesas, juntava-se aqui cinco, seis chalupas à pesca da lagosta. Tinham um fundo grande que eles metiam as lagostas. Era um viveiro.” EM010.

“A chalupa era um barco que vinha para aqui à pesca da lagosta com covos.” EH031.

Chanada

Contagem das ondas para perceber quando o barco deve fazer-se ao mar.

“Porque o mar tem uma certa conta de ondas para dar uma... Vá lá, chama-lhe a gente uma chanada. Para lhe dar um espaço. Está a perceber? E, então, têm que contar lá os mares, para ver quando é que podiam sair daqui da ribeira, porque senão ainda iam parar à Praia das Bicas (risos).” EM010.

Chinchorro ou Chinha

Arte de pesca. Segundo Figueiredo (2010:430): “Barco de pesca. Rede pequena de arrastar.” Vieira define chinchorro como “Rede do alto de rastro” (Vieira, 1873a:208). Ver Arte de arrastar e Xávega.

“Fiz também, lá na Costa, ele pescava num chinchorro. E eu também trabalhar no chinchorro para o ajudar.” EM016.

“A costa da Arrábida, Tróia. Costa baixa, onde os barcos, com relativa facilidade, podiam acostar e podiam até praticar as chamadas artes ou a xávega. Uma arte que ficou conhecida como a arte xávega, que, na verdade, é uma derivação ou evolução do chinchorro, das pequenas artes que eram praticadas nas zonas do interior.” EH020.

“(…) a pesca da chinha (rede de arrasto praticada na área da praia de Sines, puxada na praia por pessoas que recebiam um quinhão do peixe que capturavam (...)).” (Leal, 2001:81).

Choupa

Espécie de peixe. Segundo Bluteau: “CHOUPA. Peixe do mar, que tem a carne muito branca, que se coze facilmente, & faz bom nutrimento.” (Bluteau, 1727:300). Ver também Sargo.

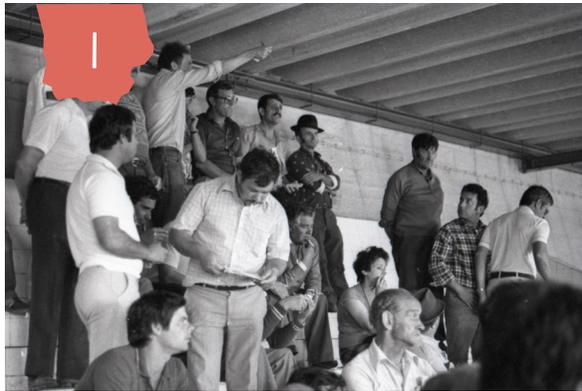
“Choupa-Sparus chromis - Spare marros.” (Lopes, 1850:108).

“Teve dias de apanhar caixas de besugo e daquela chopinha pequena!” EH035.

Chui ou Dar o Chui

Durante o leilão de peixe, afirmação que significa «Comprei!». Utilizada também em Sesimbra e no Algarve. Brandão, 2018:286. Ribeiro, 1970:16-17.

“Chamava a gente o chui, porque era a maneira de eles falarem o peixe - chama a gente falar ao peixe. (...) Cada um tem a sua maneira de comprar: uns que é o chui; outros só fazem assim à cabeça; pronto, e outros fazem com o dedo. (...) Eles tinham é que dar um sinal: ou mexerem a mão; ou mexerem a cabeça; ou darem o chui (...).” EH059.



1 - [Na lota, o chui]. Imagem de um leilão de venda de peixe à voz (chui), dentro do pavilhão provisório do porto de pesca. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, CFA0008-2.F1.

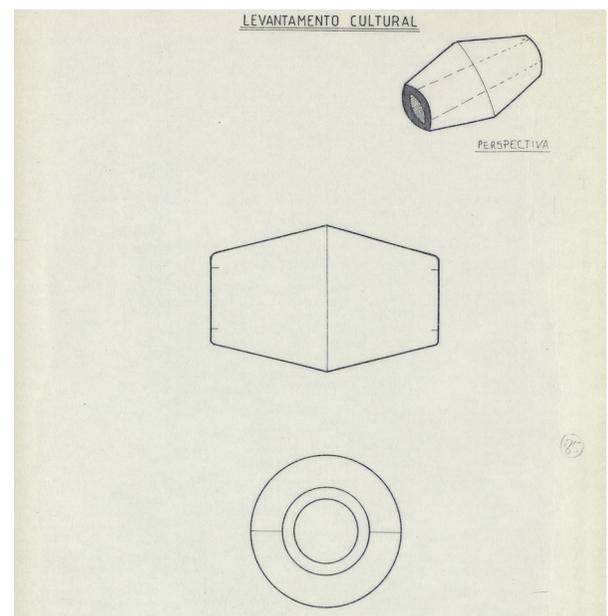
2 - Na hora da lota. São visíveis os compradores e os vendedores de peixe, o momento em que o peixe é descarregado e colocado na areia e os vendedores e compradores se atarefam a dar o chui. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, CF0025.

Chumbica

Peso de rede feito de chumbo.

“Eu levava ali horas e horas ali, no chão, a fazer as chumbicas! Aquilo era derretido, o chumbo. E a gente, com uma forma, fazia, fazia, fazia...” EM016.

Levantamento Cultural. Utensílios artesanais. Chumbicas. Esquema de uma chumbica para as redes de pesca, feita de chumbo. Folha plastificada. [1982]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Património Cultural. Inventários do património móvel. IDD23, n.º 3202.



Coipo

Parte da armação onde é capturado o peixe.

“Pois, pois, então, andava ali encostado, ali assim àquela rede que ele tinha ali assim. O peixe encostava-se ali. Depois, ia andando, até que entrava lá para dentro do coipo. A gente chamava o coipo, onde é que eles pescavam, não é? Onde é que tinham a rede, depois, para levantar.” EH033

Companha

Tripulação de um barco de pesca.

“Entrevistador: E como é que era a companha desse barco?” “J. Gonçalves: Era vinte homens, vinte. A bordo desse barco e de qualquer daqueles barcos que andavam em Marrocos, éramos vinte homens a bordo do barco. Aquilo era muito trabalho. Era um trabalho duro. Para tirar a pele ao pobre até encher o barco. Se o barco estava cheio, estávamos ricos! Toca a andar para cá. Era assim. Era vinte homens.” EH035.



[Companha da traineira Moreninha]. Foi retratada a companha da traineira Moreninha, na embarcação. Em anexo, a tinta, Catarina Casal identificou os membros da companha: “1 Direita-Lourenço-José Joaquim-José Godelha -Ismenio. José Zuca-José Meco/2-Antonio Tainha-Carlos Rosário-Mestre Imidio-Jaime Mazarico - Giliberto Manuel Montinhos/3-Manuel Ferreira-Antonio Algarvio.” [1960]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Mar de Sines, Colecção de Catarina Casal, MAR_018.0009.0001.

Coroa

Pesqueiro, lugar bom para pescar, no mar alto, refere-se ao topo de uma elevação rochosa debaixo de água. Bluteau (1713b:555) fala da “Coroa do monte. O mais alto do monte.” “(...) Banco de areia. Baixio produzido por aluviões nos estuários e no baixo curso dos rios.” Vieira, (1873a:733).

“Quando se encontrava uma coroa para pescar, pronto, pescava-se...” EH035.

“O irmão do Tonica, o Gonçalo, esse apanha muito. Esse dedica-se mais à pesca do alto. A pesca do alto é às coroas. Lá fora haviam coroas que eram ricas em peixe.” EH010.

Corde de águas

Confluência de correntes marítimas. Para Vieira, “chuva torrencial e passageira” (Vieira, 1873a:515).

“Que a gente estamos aqui numa enseada. Estamos aqui ao meio. Aqui ao meio é uma enseada. E tem a corde de águas que vem, vem de Marrocos, vem da Espanha, vem de norte; vem tudo, aqui. Era uma costa rica de peixe, mas, aqui, foi-se acabando.” EH035.

Cornuda

Espécie de peixe. Cação-martelo. Peixe-martelo. Segundo Figueiredo (2010:523), existe no Algarve e nos Açores.

“Cornuda? “ (Lopes, 1850:107).

“Desde a cornuda, o olho branco, o anequim. Todos estes peixes. A tintureira, a canēja, o cação. Apanhava-se estes peixes todos.” EH023.

Costa de Santo André

Toponímia. Litoral da freguesia de Santo André (concelho de Santiago do Cacém) junto à Lagoa com o mesmo nome. Os marítimos circulavam entre Sines e a Costa de Santo André.

“Costa de Santo André. Foi o nome primeiro que apareceu com esses homens que vieram lá do norte, chamavam aquilo uma costa, e era, era uma costa. Era uma praia que vinha para Sines e ia ter, ia parar à Tróia também. Pois. E uma praia que parte aqui de Sines e vai parar à Tróia. E eles chamavam a costa, é a costa, a costa, a costa.” EH031.

Costa queimada

Costa sobreexplorada, sem peixe. Ver Costa quente.

“Aqui a nossa costa está queimada.” EH035.

Costa quente

Costa muito rica, cheia de peixe. Ver Costa queimada.

“É muito quente aqui a nossa costa desse peixe.” EH035.

Covo ou Cobo

Arte para pescar crustáceos e peixe, feita de madeira e corda. Ver também Nassa. Segundo Figueiredo (1873:615), “cesto comprido de vimes, que da bocca para dentro tem uma fôrma de funil de varinhas, donde o peixe, que por ella entra, nuo pôde sair, e ó usado na pescaria.”

“Quer dizer, era uma terra rica em marisco de lagostas. Começaram a apanhar as lagostas pequenas, acabaram com aquilo. O meu irmão andou aí uns dez ou doze anos, todos anos houve lagosta. Todos anos! E foi sempre campeão da pesca da lagosta. Havia aí quinze ou vinte barcos. Porque, depois, começaram a usar as mesmas artes dos franceses. Aquele covo redondo, está a perceber. Feito com as ripas do coiso... do carvalho. (...) Antigamente, pescava-se era com isso, com essas ditas nassas, que a gente chamava covos. Era de madeira e corda, pronto. E tinham um andicho, onde é que se metia o isco. (...) A lagosta entrava e já não saía. E então ficavam aí, eram os ditos covos.” EM010.

“[Outros provimentos foram emitidos para proteger a armação e garantir as suas pescarias. Em 1739, foi proibido o lançamento de] covos ou redes da ponta do Castello athe a ponta sahida estando a armação no mar.” DA005.



[Banho do Gado - Banho 29]. Pormenor de positivo a preto e branco. No canto esquerdo são visíveis três covos sobre a arriba e, ao fundo, o portinho de Porto Covo e uma casa. [1960]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Mosaico das Memórias, empréstimo de Maria Filomena Nascimento, MMS-51.0002.

Corricar

Arte ou técnica de pesca com amostra para capturar peixes predadores.

“Ia para lá, depois, vinha a correr. Depois, chegava cá, levantava, jogava outra vez, depois, vinha. Era uma espécie de corrico, corricar”. EH033. Priberam, Corricar.

vereda

esticar mais do que os elásticos

casqueira

parrete

escalameda

alafar

impostar

cuchara

endireita

partimuneira

atãe

enleia
pêra

zorra

projeto

chui

maca preta judeu

galega

não há quinas

pirate

ter amanda

mocho

em la

vidade

escangalhar

pimpelha

carapela

dispersos

fueirada

esmorecida xarifa

carrega

lêche

amambador

cria no

pícaras

avriar o calhau

sair da calma

descarçoa

calhau

cigueira

garnar

encher o bandulho

pluminda

magane

conduta

mangar

ter bichos carpinteiros

D – Mar

Dar-de-corpo

Descansar após uma tarefa árdua.

“Deu-me vontade de dar-de-corpo e fui-me sentar”. Relatos do Mar, 1982, IDD 23 n.º 2011.

Desbuxar

Tirar a tripa ao peixe-espada. Segundo Figueiredo (1873:817), “lançou do bucho a comida. —Diz-se das aves de rapina que, depois de saciadas, lançam fora o excesso d’alimento.” Ver Descuxar e Escuchar.

“E pronto, antigamente, o peixe-espada era desbuchado. Não sei se vocês sabem o que é desbuchar? É tirar a tripa ao peixe-espada. E as mulheres tinham muita prática naquilo. Mais que certos homens. E, então, elas levavam ali, às vezes, horas e horas a tirar a tripa a peixe-espadas, quando a gente, os pescadores, não o faziam no mar.” EM037.

Descuxar, escuchar

Remover a cabeça e as tripas do carapau. Ver Desbuxar.

“«Quem quer tirar o pico?» Ganhar dinheiro às caixas. Descuxar o carapau, para ficar só com o corpo, tirar a cabeça e as tripas”. EM010.

Desemalhar

Tirar o peixe da rede.

“As redes vinham tão cheias, tão cheias, tão cheias, que foi de dia e de noite, de dia e de noite, a desemalhar peixe.” EH039.

Desenvasar

Tirar o peixe da pejada. De acordo com Figueiredo (2010:614), “tirar da vasa. Pôr a nado (o navio).”

“Estamos a ver desenvasar: tirar o peixe da pejada. Com estas nassas, aqueles dois rapazes estão a puxar, ali, da chata. E depois vêm, aqui, com esta gruzinha pequenina, desenvasa, aqui, para dentro das dornas, onde é que é gelado. Acho que se vê. É despejado dentro das dornas.” EH066.

Dorna

Recipiente para o peixe. Correia registou o termo como “salgadeira de peixe” (Correia, 1996:174).

“Então, uma pessoa apanha, aí, carapaus brancos, num dia pode ir, por exemplos, a 2 euros ao quilo ou coisa assim; e, no outro dia, se houver a coiso, vai logo a 50 cêntimos! Ou 30 ou para jogar fora. Pronto. Ontepassado, chegou-se a jogar isso. Ficar lá, dentro das dornas, era as dornas cheias daquilo. Então, não vai dinheiro, pronto.” EH069.

Pescadores a desenvasar peixe. Uma prova fotográfica a cores. Três pescadores desenvasam (tiram peixe dos tanques da embarcação para transportá-lo para terra). [1990]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines, Colecção de João Custódio “Tibúrcio”, MAR_018.0035.0010.



nereda
esticar mais do que os elásticos
carqueira
parrete
escalavarda
impostar
cuchara
parquetimimino
atao
erleia
pêra
não há quimeras
pirate
ter avondo
mocho
chui
caça preta
judeu
endireita
pimpalha
carapela
fueirada
esmorecida
xarifa
dar noia
caras
arrasar o calhau
cigueira
garnear
carrega
côcho
amanhader
vira noia
descarçoa
platinuda
magane
conduta
mangar
sair da calma
encher a bandelha
ter bichos carpinteiros

F

E - Terra

Entronxado ou entrouxado

Máscara de carnaval, com roupa usada. Significa também mal vestido. Para Vieira entrouxar é “Meter na trouxa” (Vieira, 1873b:196).

“O Carnaval era entronxados. Roupas velhas, punham uma caraça na cara que era para não os conhecerem, era os chapéus velhos ou os barretes ou isso, nesse tempo ainda havia quem usava cintas (os homens e isso) e barretes, emprestavam.” EM006.

Envijado

Pessoa viajada.

“Pela minha pouca sorte
Tenho andado enviado
E há muita gente que diz
Muito o Guerreiro tem gozado...” EH003.

Escolhedora de rolhas

Mulher que fazia a triagem das rolhas defeituosas.

“Mulheres, nesse tempo, haviam também, eram escolhedoras de rolha, escolhiam rolha, espaldavam, depois faziam, lavavam rolha, era mais isso, porque os outros serviços já não faziam.” EH013.

Espaldar

Tirar a casca à cortiça.

“A espaldar a cortiça. A tirar a casca à cortiça. Está a perceber?” EM010.

Espaldar a rolha

Operação no fabrico e transformação de cortiça.

“Mulheres, nesse tempo, haviam também, eram escolhedoras de rolha, escolhiam rolha, espaldavam, depois faziam, lavavam rolha, era mais isso, porque os outros serviços já não faziam.” EH013.

Estanque

Mercearia, venda. Arcaísmo registado por Bluteau: “ESTANQUE, ou Estanco. Do tabaco, das cartas, & SoIymão, & c. A casa, em que os contratadores vendem os generos, q rematarão a El-Rey para o venderem só elles. He tomada a metaphora do Tanque, que retém a agoa, & não a deixa correr, ou Estanque se deriva de Estancar, porque o Estanque he causa de que as mercancias que nelle se vendem, não tenhaõ sahida em outras partes. Estanque do Tabaco.” (Bluteau, 1713:310).

“Fui ao estanque velho comprar açúcar.” DA004.



[Praça da República: uma venda]. Imagem de uma casa de comércio (uma venda ou estanque), na Praça da República. No passeio estão vários bens em exposição e vêem-se várias mulheres e crianças. [1940]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines, Coleção Fotográfica, Coleção de António Correia, n.º CF0267.

E – Um Pé na Terra e um Pé no Mar

Escalacear

Vadiar, andar sem rumo por aí.

“Foi escalacear e ainda não voltou.” DA007.

Escarne (cara de...)

Cara de gozo, de brincadeira. Segundo Figueiredo (2010:709), escárneo significa “Zombaria. Mofa; motejo. Menosprêzo. Galhofa. (Do ant. *al. skernon?*).”

“Cara de escarne - de modo escarninho.” (Silva, 1989:108).

Escorva (não vale uma...)

Pessoa sem valor.

“Que se saiba, nem uma escorva.” (Pacheco, 2017:165).

Espalaiada

Mulher afectada, sonsa.

“Espalaiada - mulher que usa de modos e amabilidades exageradas, afectada na maneira de falar.” (Silva, 1989:109).

Estormo

Planta que cresce na areia, usada para os telhados. Tinha propriedades vedantes. Segundo Figueiredo, este é um termo da área de Aveiro, e significa “Planta agreste e resistente, espécie de urze” (Figueiredo, 2010:817).

“Eram só estas casas em madeira, com o telhado em estormo, que era uma planta que se criava aqui nas dunas.” EH061.

“E há ainda estormo. Aquilo, quando chove, não passa ali nada!” EH027.

“Em cana! (...) Eram feitas paredes. (...) O telhado, depois, era feito com o estormo. O estormo é um... [Sabino]: E as paredes também. (...) Aquilo forrado com... Batia ali, não chovia nada. Aquilo até era muita quentinho... Eu até gostava daquilo, veja lá (risos)...” EH065.

[Barraca de estormo]. Um grupo de pessoas posa para a fotografia em frente a uma barraca de estormo, talvez no Bairro Marítimo (Bairro das Índias). Vêm-se chorões a nascer na areia. [1940]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, Fotografias emprestadas por António Correia, n.º CF0266.



E - Mar

Emanilhado

Agarrado a.

“Quer dizer, tem um ferro grande, onde os ferros grandes têm emanilhado, para chegar ali, acabou.” EH036.

Empachado

Aborrecido, com dificuldades.

“É empachado, é. É muito empachado. Um gajo, às vezes, pensa que vai para um lado e, depois, vem para outro.” EH030.

“Empachar - Obstruir, criar dificuldades.” (Correia, 1996:174).

Empeixeirado

Apanhar peixe com um aparelho. Ver Aparelho.

“Eu vinha para me vir embora, que já não aguentava mais. E o meu camarada empeixeira um robalo. Empeixeirou, levantou. Levantou o aparelho ao ar.” EH029.

Emposta

Pesqueiro, lugar bom para pescar.

“E, depois, a gente chamava fazer uma emposta, uma emposta era um local onde a gente ia largar engodo lá para baixo: sardinha e cavala e coiso jogava-se para o fundo.” EH031.

“Antigamente, era uma emposta, não é? Uma emposta, aqui na Costa do Norte, aqui. Era uma emposta aí fora. Cada um tinha as suas empostas. Ele até conhecia, alguns dizem, conhecia o peixe das empostas dele.” EH036.

Enrochado

Agarrado às rochas.

“Uma rede a prender as bolas, atado, com um cabo em baixo para prender à corda, para aquilo não ficar lá enrochado nas pedras.” EM010.

Enseada de mar

Grande vaga.

“O mar era muito, entrava ali por aquela restinga fora, ali para baixo do Porto Covo e a gente estávamos a colher o aparelho, veio uma enseada de mar, não deu tempo para fugir para mais lado nenhum (...)” IDD 23, n.º 2011, n.º 203. Relatos do Mar. Jones Dionísio, 1982.

Enviadas

Embarcação para fazer o transporte de peixe. A definição de Figueiredo (2010:742) atesta: “Barco, que recebe de outros o producto da pesca e o leva ao pôrto, como leva mantimentos aos barcos de pesca, fóra da barra. Enviadeira.”. Ver também Enviadeiro. “Naquele tempo, por exemplo, enviadas, barquinhos de nove ou dez metros, andavam já a propósito a apanhar, a ver se faziam enviadas. As traineiras tinham uma enviada sempre, mas havia outros que andavam sempre atrás para ver se apanhavam. Se apanhasse peixe demais que não cabesse no primeiro barco, dava. Peixe demais, dava à outra. Trazia o peixe, mas eles ganhavam uma percentagem, não é, a enviar o enviadeiro.” EH031.

“Traineiras que se apanhava muito! Metia na enviada, tinha sempre, no Algarve, duas enviadas. Nesse tempo, havia muito peixe, muita sardinha. Havia muitas fábricas.” EH032.

A Morena. Embarcação Moreninha e a sua enviada Morena, no rio Sado, durante a campanha da apanha da ostra. [1940]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines, Mar de Sines, Coleção de Cristina Cardoso, MAR_018.0031.0005.



Enviadeiro

Homem que governava a enviada. Ver Enviadas.

“Se apanhasse peixe demais que não cabesse no primeiro barco, dava. Peixe demais, dava à outra. Trazia o peixe, mas eles ganhavam uma percentagem, não é, a enviar o enviadeiro.” EH031.

Escorçar

Arranjar a sardinha para a salgar. Ver também Descuxar e Escuchar.

“Salgava-se a sardinha, a sardinha era escorçada, tirava-se a cabeça, punha-se o dedo ali no peito, vinha pela barriga a baixo, trazia a tripa, vá a tripa fora...” EH031.

Espanholas

Mulheres de Viana do Castelo, trabalhavam sazonalmente na reparação de redes de pesca.

“Da Espanha não eram! Eram de Viana do Castelo, pois... E chamavam-lhe espanholas! Elas espanholas não eram. Eram portuguesas, mas como moram lá perto da raia de Espanha, ou sei lá?... Chamavam-lhe as espanholas.” EM016.



[A Casa das Espanholas ou Casa da Barroca]. Imagem da casa da família Venturinha, conhecida por “casa das espanholas”, na Rua da Barroca, Sines. [1952]. Na praia de Sines existia um outro edifício conhecido como “armazém das espanholas”. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines, Coleção Mosaico das Memórias, Melinita Freire, unidade de instalação nº 82.

Espatilheiro

Homem com o remo.

“O meu pai era espatilheiro. E era um homem muito valente! Aquilo era com uma espadilha. E a gente, às vezes, pedia ao mestre para ir. Para a gente ver! E ele, cada vez, mais longe, mais se via. E ainda fui. Ainda fui, uma vez, ao remo. Faltas de homens, eu fui ao remo.” EM016.

Estiba

Forma de preparação do peixe.

“Era como o biqueirão. O biqueirão não era cozido. Por exemplo, em cru as pessoas coziavam e assavam. Era um peixe dedicado a estiba. O biqueirão era mesmo próprio para a estiba. E, então, quer dizer que o biqueirão também quando era coiso... se largava a espinha. Porque o biqueirão é um... soltava-se sem que a gente o tirasse, soltava a espinha. Então, quer dizer, eles também faziam isso ao biqueirão. Mas quando não havia biqueirão, que era mais difícil de apanhar, faziam às sardinhas (risos).” EM010.

vereda

esticar mais do que os elásticos

casqueira

parrete

escalaranda

abafar

impostor

cucharra

emdireita

partemineira

atãe

enleia
pêra

projeta

maca preta

judeu

galego

pimpalho

carapela

não há quines

pirate

ter avonada

mocho

emba
avonada

arvidade

escangalhar

diu-se

fueirada

esmorecida

xarifa

dar
vontade

pinta
platinada

pícaras

cerrado

avriar o calhau

carrega

côcho

amambador

descarçoa

pinta
platinada

calhau

cigueira

novidades

ganear

sair da calma

encher o bandulho

magame

conduta

mangar

ter bichos carpinteiros

F - Um pé na terra, um pé no mar

Feco

Uma pessoa que olha fixamente para algo ou alguém.

“Desolha, ó feco, nunca viste?” DA004.

G

vereda

esticar mais do que os elásticos

casqueira

parrete

escalameda

alafar

impostar

cuchara

endireita

partimuneira

atãe

enleia
pêra

zorra

projeto

chui

maca preta

judeu

galega

não há quinas

pirate

ter amanda

mocho

esala

G

variedade

escangalhar

pimpelha

carapela

diabros

esmorecida

xarifa

dar noia

pícaras

avriar o calhau

fueirada

carrega

lêche

amambador

criar noia

O

inta plavinda

calhau

ernado

cigueira

garnar

sair da calma

descarçoa

variedades

mangar

encher o bandulho

magane

conduta

ter bichos carpinteiros

G - Terra

Garlopista

Operário corticeiro especializado, que fazia as rolhas a partir dos quadros usando a garlopa.

“Os trabalhos mais pesados eram para os quadradores. Nunca me lembra de uma mulher fazer o serviço que eu fazia, por exemplo, a quadrar, a fazer quadros, é, nunca me lembro. Ou garlopista, pois. Ou broquista, vá.” EH013.

G - Mar

Gandaia

Ir para a Ribeira para apanhar o peixe caído, ou roubar peixes para vender à revelia, ou ainda para pedir peixe. Conseguir peixe gratuito na Ribeira junto de conhecidos. Também se aplica à cortiça e era ocupação de crianças e jovens adultos. Nos dicionários consultados o termo é sinónimo de procurar objectos no lixo, não surgindo nunca associado nem ao peixe nem à cortiça. (Bluteau, 1713b:24; Figueiredo, 2010:936; Vieira, 1873b:829; Correia, 1996:175).

“Ah, então isso era... Isso houve sempre. Desde sempre que conheci os gandeientes (risos...). E então, punham-se à coca de... Vinha uma caixa de peixe, jogavam a mão, era umas sardinhas para um lado, umas para outro; e depois era um a apanhar de um lado, outro a apanhar doutro (risos...). Isso houve sempre gandaia. Desde que eu me conheço, lá em baixo, que houve sempre gandaia. Sempre.” EH010.



José Bento na Ribeira.

Uma criança encontra-se a seu lado, talvez na gandaia. [1967]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines, Mar de Sines, Colecção de José Bento, MAR_018.0005.0005.

Garruasso

Grande ventania, vendaval.

“Grande ventania que, muitas vezes, não permitia a saída dos barcos para a faina nem os pescadores de cana pescarem.” DA007.

Gingar. Ver Zingar

Greve verde

Bloqueio do porto industrial pelos pescadores e greve dos estabelecimentos e das actividades económicas na vila, no dia 28 de Maio de 1982, pela abertura da estação de tratamento de águas residuais e questões ligadas à poluição ambiental.

“Lutou pelas questões, que vocês sabem, faz agora anos da grande greve verde, em Sines, em que os pescadores fecharam, aqui, o porto de Sines. Em todos os aspectos, isto ficou, completamente, paralisado. E é essa comissão de luta que lutou e junto... Mas junto com a população e a câmara.” EH067.



1 - [Marcha pela Rua da Floresta]. Marcha dos populares, empunhando cartazes, pela Rua da Floresta (Bairro Marítimo). Em primeiro plano, várias mulheres empunham um cartaz. [1982/05/28]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, CF0095.

2 - [Marcha pela Rua Capitães de Abril]. Marcha dos populares, empunhando cartazes, pela Rua Capitães de Abril (Bairro Marítimo), encabeçada pelo presidente da Câmara, Francisco do Ó Pacheco. [1982/05/28]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, CF0094.

G -Um Pé na Terra, um Pé no Mar

Galego

Pessoa natural do território nacional a Norte do Tejo. Em Sines, qualquer pessoa vinda de uma região a Norte do Tejo para trabalhar e montar um negócio próprio. A designação já está a fixar-se na toponímia.

“O meu pai, Benjamim, era do Norte, de Mangualde. Veio para uma quinta em Odemira e depois para Sines, há 62 anos. (...) Este nome dos Galegos surge porque antigamente quando as pessoas do Norte, de perto da Galiza, vinham para Sul, eram tratados por galegos. Como os meus pais eram do Norte, as pessoas diziam: «São lá de cima, são os galegos». E assim ficou.” BIB016.



Largo do Castelo, popularmente designado por Largo dos Galegos. Fotografia de Sofia Costa. 2019.

Golfe. Ver Golfo

Golfo

Planta aquática marítima. Ver também Peseiro e Zorro (rabo de...).

“Isto era só cheio de golfo. Você não sabe o que é golfos? Era um limo que havia assim... Tinha uma braça ou mais. Parecia correias desses cintos aí da tropa! Aquilo depois tinha umas coisas cá... Depois, abria assim um leque, cá à ponta, as folhas daquilo. Aquilo tinha umas correias compridas. Não tinha mais nada, era só aquelas correias. Fazia aqui rimas, que era mais altas do que uma pessoa, aqui na praia. Quando fazia maresias, aquilo arrancava!... E fazia aí um coiso que é um disparate! Rimas aí, uma coisa parva! E era onde o peixe vinha, por isso é que o peixe, o nosso peixe, já não presta. (...) O cheiro que o limo deitava... Agora, enquanto não vinha o Verão, a maré vazava, ficava ali os golfos tudo... À praia tudo cheio de golfos.” EH49.

[O golfo]. Uma prova fotográfica a cores. Uma mulher nada no meio do golfo (limo), possivelmente no Porto Covo. [1980] Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Mar de Sines, Coleção de Vítor Cardoso, MAR_018.0030.0061.



Guines (não há...)

Não há dinheiro. De acordo com Cândido Figueiredo (2010:987), guines é sinónimo de dinheiro, mais especificamente de cinco reis. Priberam, Guines.

“Não há guines para ti, dizia o Pidwell ao sair do vapor para o bote que o levaria a terra ao marítimo que manobrava a embarcação.” DA004.

nereda
esticar mais do que os elásticos
casqueira
parrete
zorra
escalavarda
alharan
impostar
cuchara
parfomineira
enleia
pêra
chui
maca preta
fudeu
endireita
não há quimeras
ter amendo
mocho
alaridade
galega
pimpalha
carapela
pirate
errata
escangalhar
carrega
xarifa
dar noia
pícaras
arrastar o calhau
fueirada
esmorecida
carrega
sair da calma
côcho
amambador
descarçoa
cigueira
garrar
calhau
naridadas
mangar
encher a bandelha
magane
conduta
ter bichos carpinteiros

I - Terra

Imprensar

Publicar. Figueiredo, (2010:1065). O termo também se refere ao acto de colocar e apertar as folhas na imprensa para serem impressas (Vieira, 1873b:1050).

“Isto foi as primeiras quadras que o meu pai mandou imprimir, foram estas. Não sei se foi ele que mandou, se foi alguém que mandou...” EM003.

Duas verdadeiras quadras: Dedicadas a dois amantes que morreram afogados no poço da Parreira às 6 horas do dia 3 de Setembro de 1954. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Mosaico das Memórias, Catarina de Campos, MMS.034.05.

DUAS VERDADEIRAS QUADRAS

Dedicadas a dois amantes que morreram afogados no poço da Parreira às 6 horas do dia 3 de Setembro de 1954. Sendo ele Manuel Irias do Brito, casado, de 42 anos de idade, residente na Parreira freguesia de Sines, deixando sua mulher viúva com 6 filhos menores. Sendo ela Emília de Jesus, solteira, de 26 anos de idade, muradora no monte da Bica freguesia de Sines.

MOTE

A Emília de Jesus
Foi do amor atentada
De sua casa saiu
Para morrer afogada.

1.^a

Pela sua casa entrou
O homem que a perseguia
Foi ao quarto onde dormia
Sobre a cama se encostou
O mano dela espreitou
Viu-o à sombra da luz
O mana eu não supus
Que desse homem fosses querido
Assim foi perder a vida
A Emília de Jesus.

2.^a

Quem lhes havia de dizer
Que o mano notícia dava
Nem um nem outro pensava
O que lhe ia acontecer
Obrigou-se a ir morrer
A pobre desventurada
Foi pelo mano encontrada
Em casa dos próprios pais
Nesta hora e noutras mais
Foi do amor atentada.

3.^a

Lamentando a sua sorte
Saiu pela porta fora
Nesta tão triste má hora
O seu penar foi tão forte
Ambos tiveram a morte
Um caso assim ninguém viu
A infeliz perseguiu
O homem que a desonrou
Para a morte caminhou
De sua casa saiu.

4.^a

Que existia este amar
Ninguém sabia de certo
Foi o caso descoberto
Foram-se os dois afogar
A infeliz a chorar
Ao seu amante abraçada
Achava-se desonrada
Ele era homem casado
Tinha o destino marcado
Para morrer afogada.

MOTE

Manuel Irias do Brito
Foi tão triste o seu pensar
Juntamente à sua amante
Foi sua vida findar.

1.^a

Eram 6 horas do dia
Quando eles se mataram
Um ao outro se abraçaram
Um bilhete assim dizia
À sua mulher Maria
Deixou-lhe o bilhete escrito
Contando-lhe o conflito
Pedi-lhe o seu perdão
A todos deixou paixão
Manuel Irias do Brito.

2.^a

Não teve arrependimento
Quando estava a escrever
Escreveu que ia morrer
Com o seu conhecimento
Mataram-se ao mesmo tempo
Para nenhum se recusar
Para mais pena deixar
A sua mulher honrada
Naquela hora malvada
Foi tão triste o seu pensar.

3.^a

Dos seus filhos se esqueceu
Não pensou em ser casado
Não queria ser separado
Da mulher com que morreu
Estas palavras escreveu
Naquele tão triste instante
Causaram pena bastante
A toda a gente conhecida
Assim foi perder a vida
Juntamente à sua amante.

4.^a

Aflitos afogados
Os dois amantes morreram
Em cima de água pareceram
Ainda vinham abraçados
Foram os dois mal pensados
Não há a quem se tornar
Pensaram em se matar
De sua boa vontade
Com 42 anos de idade
Foi sua vida findar.

Autor: LUCIANO ROMÃO — Porto Covo — Visado pela Comissão de Censura — Preço 1\$00

I - Um Pé na Terra e um Pé no Mar

Invejão

Homem assustador, que aparecia de noite para assustar as crianças.

“Havia uma crença muito generalizada que em muitos casos envolvia mesmo os que diziam não acreditar em bruxas, lobisomens, invejões e no sobrenatural. (...) Ninguém sabia bem ao que correspondia: não eram lobisomens, seriam uma espécie de «coisa» que à noite, no escuro nos aparecia.” (Leal, 2001:67).

Ir à vila

Vir da periferia para o centro do aglomerado urbano, no Alentejo.

“Eu vinha à vila lá do Bairro Marítimo para ir à Câmara.” DA004.



1 - Rua Marquês de Pombal (Estrada). [1950]. Arquivo Municipal de Sines, Câmara Municipal de Sines, Coleção Mosaico das Memórias, Margarida Ramires, MMS-023-04.

2 - Sines - vista aérea. [1950]. Arquivo Municipal de Sines, Câmara Municipal de Sines, Coleção Fotográfica, CF0002.016.

I - Mar

Ir à maré

Aproveitar a maré baixa para apanhar marisco, mariscar.

“Isto de ir à maré é uma tradição que a gente tem aqui em Sines, há muito tempo. A partir de uma data muito atrás. E, nós, pessoal mais jovem, tem seguido essa tradição, e é um costume aqui de Sines e do concelho de Sines, e das zonas ribeirinhas. E o pessoal adora andar aí nas pedras a apanhar percebes e lapas... (...) Antes as pessoas aqui, pelo menos do Litoral Alentejano, tinham as suas hortas, tinham os seus quintais, as suas quintinhas, e, pronto, muitas viviam da maré e da terra! Era uma vivência com a natureza e com o terreno, diferente de hoje em dia, não é? Hoje em dia, estamos a pensar que... Pronto, aqui o cabo de Sines está integrado numa cidade. Em vez de ser no campo ou assim num espaço livre, está integrado numa cidade.” EH047.

“Ir à maré? Para mim, é um prazer ir à maré! É o gosto; é a liberdade que uma pessoa tem em andar dentro de água; desaparecer a cabeça; diverte-se; apanha marisco; está com os amigos. De vez em quando, apanha-se marisco para conviver com os amigos. (...) Isso o mar como a gente, praticamente, sabe, é... Depende muito da lua. Lua cheia, lua nova. Mas é mais com a lua cheia é que as marés baixam mais. Mas isso o mar, depende do mar. O mar é que manda nele. Às vezes, nem conta... Nem sempre conta a lua, nem nada disso.” EH058.

nereda

esticar mais do que os elásticos

casqueira

parrete

escalaranda

abafar

impostor

cucharra

emdireita

partemineira

atãe

enleia
pêra

zorra

projeta

chri

maca preta

judeu

galego

pimpalho

carapela

não há quines

pirate

ter avonada

mocho

errado

arvidade

escangalhar

astro

disprezo

fueirada

esmorecida

xarifa

dar noia

licarosa

arrisar o calhau

carrega

côcho

amambador

descarçoa

ploumada

calhau

cigueira

novidades

ganear

sair da calma

encher o bandulho

magame

conduta

mangar

ter bichos carpinteiros

L - Terra

Larião

Ratazana. Roedor grande, que ataca as colheitas e os animais de capoeira. Identificado por Bluteau (1713c:164): “LEIRÃO. Espécie de rato, que tem como hum colar branco, & o focinho negro, Deriva-se do Castelhanho, Liron, que he o mesmo.”

“Os lariões roeram-me as batatas!” DA004.

L - Um Pé na Terra e um Pé no Mar

Laborda

Desarrumação, sujidade, porcaria.

“Olha para essa laborda, lava já essas mãos!” DA004.

Lembrisca

Pessoa curiosa.

“A minha lembrisca lá anda de novo à roda do chupão...” DA004.

Louça de arame

Tachos e panelas de cobre.

“Até à década de 10, panelas e tachos eram de cobre, a que chamavam louça de arame.” (Leal, 2001:45).

L - Mar

Laminária

Espécie de alga usada para adubar as terras. Figueiredo, (2010:1158); Priberam, Laminária.

“E: E não se lembra de, aqui, em Sines, apanharem algas para adubar a terra?”

B: Era a laminária. Aqui, havia muito! Desapareceu!” EH27.

Larido

Zona intertidal, rochosa, onde há muito marisco e peixe.

“Aí era um larido tudo pegado até às Amoreiras. Só estava uma praia do lado de lá é que não era. Mais era tudo rocha, aí. Agora, não, desde que eles fizeram além os molhos... (...) Lá se foi o larido. Não se vê uma navalheira; não se vê um polvo. Nem lapas!” EH064.

“E, aqui, e vocês não sabem, a riqueza que era, aqui, este larido. Este larido, que está, agora, destruído. Que vai... E que, agora, com o acréscimo da coisa, vão destruir o resto. E até a praia de São Torpes é natural que vá ao ar. O que era isto em criação: de sargos? De robalos? De todas as espécies que são espécies de algum valor e que eram criadas aqui. Muito, mesmo, e que foi destruído com a...” EH067.



[Apanha da navalheira no larido]. [1960]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Mar de Sines. Coleção de Manuel Vilhena, MAR_018.0014.0002.

Lixa

Espécie de peixe de cor negra. Bluteau (1713c:165) descreve-o como sendo: “Peyxe do mar, cartilaginoso, & chato; tem a cauda grossa, & a pelle muito aspera a modo de lima; com ella se cobrem caixas, se fazem estojos, & engenhos de alizar ébanos, marfins, & c.” Todos os dicionários consultados destacam a pele áspera deste peixe e a sua utilização para polir materiais como, por exemplo, madeira.

“Lixa-Squalus centrina - Sq.humantin.” (Lopes, 1850:106).

“Os pescadores, influenciados pela fraseologia barata do tal repórter [em relação à Guerra Colonial] passaram a chamar-lhes “turras”, hoje esses peixes, de nome científico difícil de assimilar, são conhecidos na gíria piscatória por barrosos, lixas, peixes arreganhados e paletas - por curiosidade, acrescentar que as paletas também por cá são conhecidas por “polícias”, uma vez que têm a particularidade de possuírem uma cabeça alongada, lembrando a pala de um boné.” (Vilhena, 2006:73).

M

vereda

esticar mais do que os elásticos

casqueira

parrete

escalavarda

alvalar

impostar

cuchara

endireita

partaminina

atã

enleia
pêra

garra

projeto

chui

maca preta

judeu

galega

não há quimeras

ter amanda

mocho

M

idade

escampalhar

pimpalho

carapela

pirate

diagramas

esmorecida, xarifa

xarifa

dar noia

picarar

avriar o calhau

fueirada

carrega

lôcho

amambador

primo

primo

calhau

cigueira

ganear

sair da calma

descarçoa

magane

mangar

encher o bandulho

plumuda

conduta

ter bichos carpinteiros

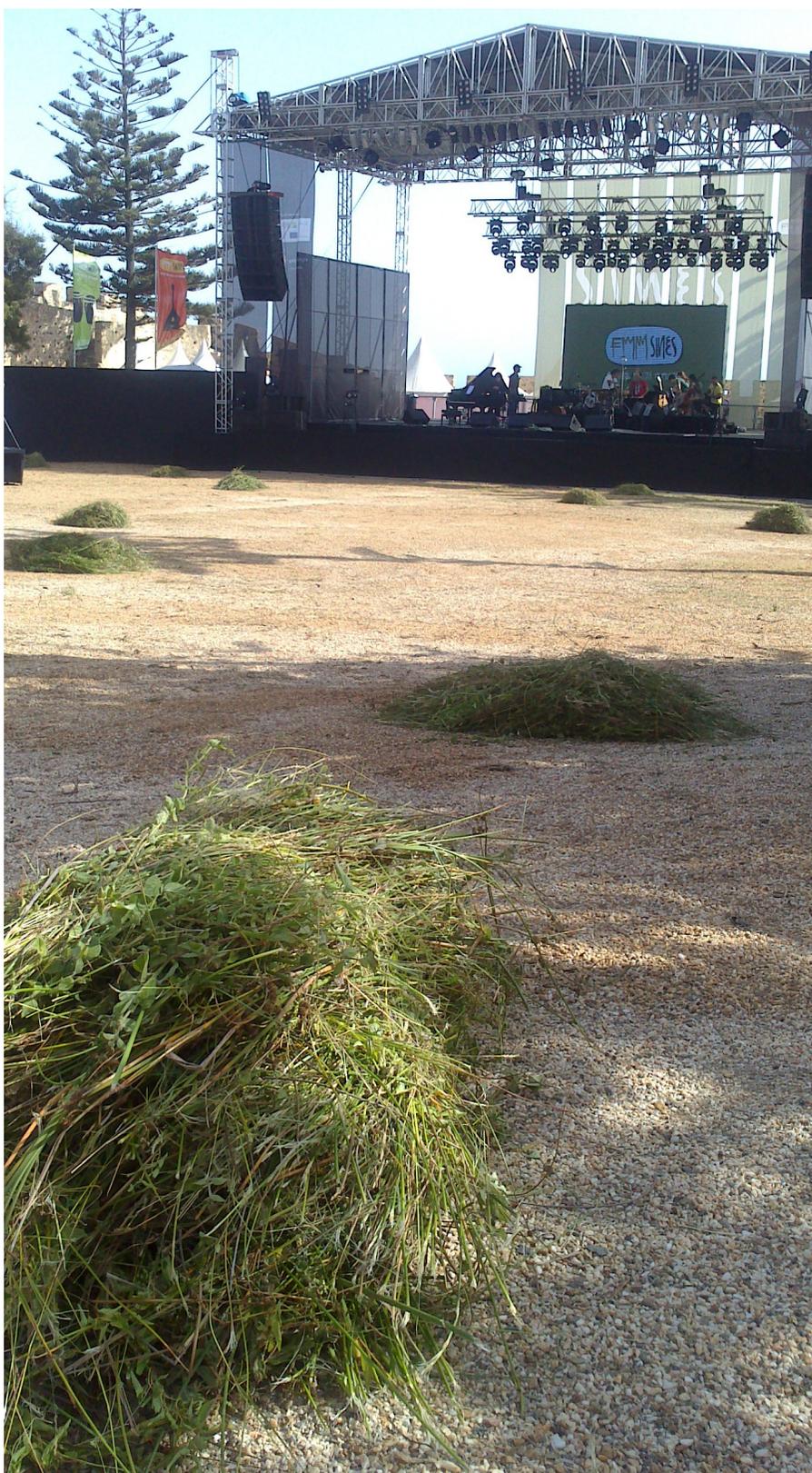
M - Terra

Montrasto ou Mentrasto

Erva com um cheiro agradável usada para atapetar os recintos dos mastros. Espécie de hortelã silvestre. Bluteau, (1713c:428); Figueiredo (2010:1276, 1277).

“Mentrasto - Mentha crispa?” Lopes, (1850:116).

“Eu hoje ainda, quando tenho um cheiro a montrasto, eu lembro-me dos mastros! Ainda agora aconteceu nas Músicas do Mundo. Eu cheguei ao castelo, e aquele cheiro a verde recorda-me, realmente, a infância e os mastros, e aquilo que era construído por nós.” EM005.



[O recinto do Festival Músicas do Mundo no Castelo]. Imagem digital capturada por Sofia Costa. Em primeiro plano vêem-se os verdes, um conjunto de plantas e ramagens aromáticas, colocadas no recinto do Festival Músicas do Mundo. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, Positivos, Transferências de Comunicação e Imagem, n.º CF0271.017.

M - Um Pé na Terra, um Pé no Mar

Mantana

Preguiçoso, sem iniciativa. Figueiredo, (2010:1240, 1296).

“És um mantana, nem a cama fazes!” DA004.

M - Mar

Madre

Cabo mestre que suporta a arte, seja aparelho, redes e/ou armadilhas (nassas, covos, alcatruzes).

“Leva uma corda grande, que a gente chama madre. Chamamos a madre. Que a gente ata com uma cordinha daqui à madre, de tantas em tantas braças. Depende do tamanho dos barcos, depende do que a pessoa queira.” EM015.

Mar de leva

Mar tempestuoso, embora por vezes possa parecer calmo à superfície.

“O mar de leva, como a gente lhe chama. Que é o mar parece que está muito mansinho. Quem conhece o mar nota que não está manso. Eu vou ali à Costa e o mar está rasinho e digo cá para comigo: «O gajo hoje tem força, não...» Há pessoas que também se apercebem disso. Mas há pessoas que não. Vêem o mar direitinho e dizem que está muita bom. Mas, às vezes, está assim, mas não está bom. (...) Às vezes vou lá à Costa e a malta: (...) «O mar está muito mansinho». Eu disse: «Não. O gajo hoje tem força.» Nota-se além na... Eh pá, nota-se na areia. A areia dentro do mar a levantar. A levantar é sinal de que ele tem força, não é? Forma aqueles agueiros, como a gente lhe chama. E os agueiros fazem aquela coisa amarela lá assim... É um sintoma que o mar tem força.” EH060.

“(...) a memória é hoje uma ferida onde lateja a Pedra do Homem, hirta como uma sombra num sonho/e as aves? frágeis quando aperta a tempestade...migraram como eu/aonde caminhas, doce Moura Encantada?/oiço o ciciar dos canaviais do sono, adivinho teu caminhar de beijos no rumor das águas/tuas mãos de neve recolhem conchas, estrelas secretas, luas incendiadas...que o mar esconde na respiração das marés/estremecem-se nas mãos os insectos cortantes do medo, em meu peito doído ergue-se esta raiva dos mares-de-leva...” (Al Berto, 1981).



[Mar de leva num dia de temporal]. Imagem da calheta e dos seus dois molhes num dia de temporal, com as vagas a entrar e a ultrapassar o molhe a oeste. [1940]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Colecção Fotográfica, CFA0009-4.C2.

Mar direito

Mar calmo, bonançoso, com vento norte e nordeste.

“Com o mar direitinho, com nortes, com nordestes. E tínhamos alturas que... apanhava o sul e o sudoeste, era vendavais; um gajo tinha que fugir lá para aquelas docas. Depois, abonçava, íamos outra vez.” EH035.

Majuga

Sardinha pequena. Figueiredo, (2010:1341); Vieira, (1873c:346).

“Majuga (no Algarve, Petinga).” Lopes, (1850:106).

“Andavam atrás da majuga, da sardinha pequenina, enfiavam pela terra à dentro! (...) Chama a gente majuga, que é a sardinha pequenininha. Pequenininha, mesmo pequena. Via-se aí aos moitões! Até fazia negro!” EH39.

Manjubinha

Sardinha pequena.

“No Verão, entrava, aqui, a sardinha pequenina: a manjubinha. Eu chamava a manjubinha. Com peixes... Havia... Vinha peixes-espadas atrás. Enfiavam ali, onde é aquele túnel [na antiga Ribeira].” EH064.

Marés, as

Nota de liquidação ao armador de embarcação de pesca.

“As marés é a nota de liquidação ao armador. Ainda hoje se faz assim. Além tira-se o papel, e na secretaria depois aquilo transforma-se nas marés de liquidação, não é? Extraía-se dali as lotas para as faturas em nome de cada comprador. Por exemplo, se um pescador vendia o peixe a quatro compradores tínhamos que fazer quatro faturas. Individualizar. E ele recebia no conjunto. No total da venda. Pagava as taxas, claro, devidas na altura, que não eram poucas.” EH060.

Maragota

Espécie de peixe.

“Eu quando apanhava maragotas, que era um peixe quase comparado com os meros, não vendia nenhuma, quem comia era a gente. Aquilo era ricos peixes, está a perceber?” EH33.

Masarulho

Grandes massas de água do mar, numa tempestade.

“Via-se o mar, parecia que era mais alto do que a vila. É uma coisa!... Vinha aqueles masarulhos de mar! Não fazia ondas, era assim um... serras, serras.” EH31.

Mestre das enviadas

Homem que governava a enviada. Ver também Enviadeiro.

“Mas eu era o mestre da enviada e a traineira ia aviar as enviadas. O mestre das enviadas para transportar o peixe para as fábricas (...)” EH32.

vereda

esticar mais do que os elásticos

casqueira

parrete

escalavarda

alvalar

impostar

cuchara

endireita

partaminina

atã

enleia
pêra

garra

projeto

chui

maca preta

judeu

galega

não há quimeras

ter amando

mocho

N

ariedade

escangalhar

pimpalho

carapela

pirate

diagnoses

esmorecida, xarifa

dar noia

pícaras

avriar o calhau

fueirada

carrega

lôcho

amambador

priva

o

plumuda

calhau

errado

cigueira

ganear

sair da calma

descarçoa

magane

mangar

encher o bandulho

conduta

conduta

ter bichos carpinteiros

N - Terra

Negritos

Termo que designa uma erupção na pele, conhecida como empola.

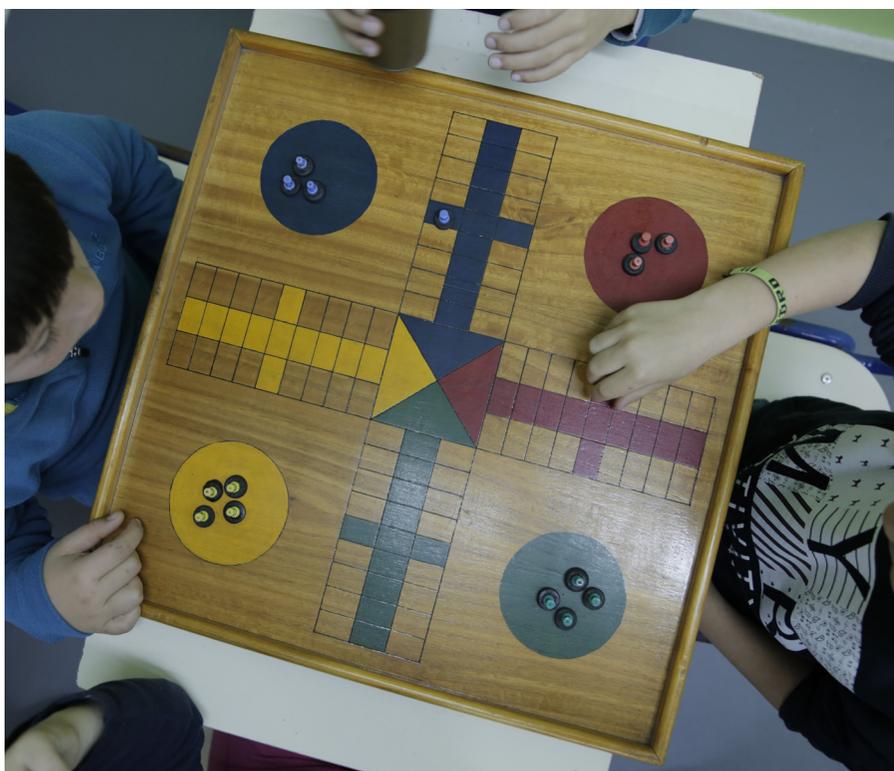
“Mezinha para os pescochos. Punha-se tomates da Índia (tomate amarelo), ou punha-se sapos ou rãs abertos em cima das feridas, nascidos e negritos.” DA001.

N - Um Pé na Terra, um Pé no Mar

Não-Te-Irrites

Jogo de tabuleiro, de estratégia, para quatro jogadores. Joga-se por homens e mulheres nas tabernas e cafés frequentados por pescadores.

“O célebre não-te-irrites, não-te-irrites que era muito, muito, muito jogado ali na comissão [de Moradores do Bairro Marítimo]. Muito jogado mesmo, entre mulheres, entre homens e... Que havia sempre grandes jogatinas, grandes lutas entre aspas, lutas no bom sentido, entre mulheres e homens. Sim, foi positivo esse jogo. Conseguiu-se arranjar ali muitas amizades e muitos afectos com esse jogo. Participámos também com esse jogo em dois ou três torneios intercomissões, onde ganhámos uma medalha de primeiro, uma de segundo e acho também uma de terceiro, salvo erro. (...) O não-te-irrites consiste em quatro jogadores, um tabuleiro com quatro jogadores, um tabuleiro quadrado com um copo, não é, um copo com um dado, o tabuleiro tem quatro cores, não é, e tem vários quadradinhos, cada jogador tem uma cor e, com um copo e com um dado, vai jogando, não é? Vai jogando até sair um 5 para pôr a pedra de saída, para começar a andar para o jogo, e a partir daí é evitar que deixem os outros parceiros comer a pedra até entrar no recinto dele. Por acaso até tenho aqui o tabuleiro.” EM008.



Tabuleiro do Não-Te-Irrites: início do jogo. [2017]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Comissões de Moradores. Programas e Iniciativas, FOT.041.0000008.

N - Mar

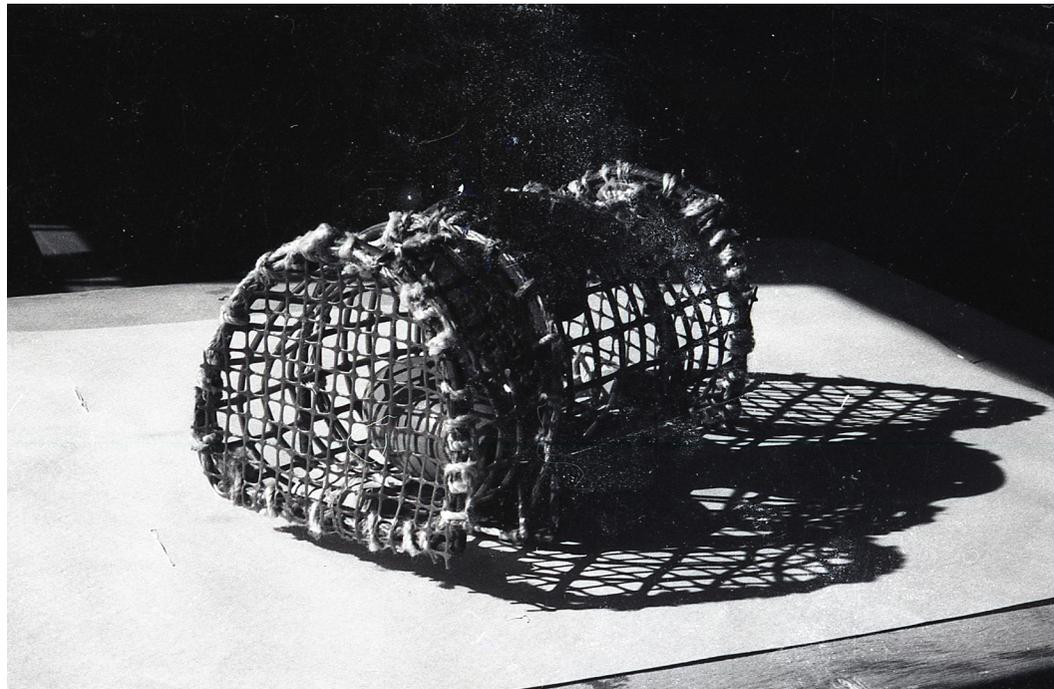
Nassa

Arte de pesca. Segundo Bluteau, é uma “Rede redonda, com hum arco na boca; delle vai estreitando até o fim. No meyo tem hum arcosinho, com sua redesinha, por amor de não fugir pela boca fóra o peixe, que está no fundo da naça. Arma-se em bueiros, ou caneiros por onde o peixe entra, & sahe. Também se fazem naças com vimes intercalares.” (Bluteau, 1713c:657-658).

“Ali ao mês de Janeiro dávamos tinta nas redes dos covos, que aquilo tinha duas redes laterais, não é? Era redondo. Era o tipo de um bidon! Mas era em vime. E, depois, aquilo tinha um andiche; tinha um pampilho, chamado um pampilho [vara]; em que a gente espetava o isco, e metia, e depois dava ali um nozinho, e aquilo ficava ali; e a lagosta ia e comia, e ficava lá dentro... Apanhava-se safios, apanhava-se pargos. Apanhava-se o que entrava lá para dentro. Era uma ratoeira. Era uma nassa! Agora, há nassas diferentes, não é?” EH34.

“O meu tio tinha duas fazendas no Algarve, em Carvoeiro. E, então, fazia o Inverno na agricultura e o Verão fazia... A gente, aqui, chama... Eles chamam marjonas, a gente chama nassas. É tipo nassa, em arame. Eles, lá, chamam marjonas. Iscavam com berbigão.” EH39.

Uma nassa. [1980]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, Negativos, CFA0003 A1.



nereda
esticar mais do que os elásticos
carqueira
parrete
escalavarda
impostar
cuchara
parafumina
endireita
atao
erleia
pêra
não há guines
pirate
ter avonde
chui
maca preta
judeu
gallega
pimpalha
carapela
mocho
abre
errado
descangalhar
carapela
fueirada
esmorecida
xarifa
dar noia
arrancar
arriar o calhau
cigueira
garnear
carrega
sair da calma
côcho
amambador
descarçoa
minta plavimuda
magane
calhau
mangar
canduta
encher a bandelha
ter bichos carpinteiros

0

O – Um Pé na Terra e um Pé no Mar

Onda marinheira

Momento em que se perde a cabeça. De acordo com Bluteau, “ONDA marinheira. Na Villa da Pederneira, e em outras partes, dão os homens do mar este nome à onda, que de dez em dez vem mayor que as primeiras.” (Bluteau, 1727:92).

“Onda marinheira - diz-se quando num momento a pessoa perde a cabeça e pratica uma acção violenta.” (Silva, 1989:111).

Ouriçada

Reunião ao ar livre em que se assavam e comiam os ouriços-do-mar, pela Páscoa.

“É uma tradição que fazem todos anos. Não tem data certa, porque a ouriçada depende das marés. Não tem data certa. Se fosse, antigamente, a ouriçada não era só ali. Nós íamos apanhar. Eu, por exemplo, apanhava uma saca de ouriços, tinha a minha família, e ia grelhar os ouriços ou assar, vá, com... Com rama de pinho e coiso... E a gente comia. E outros faziam a mesma coisa. Eram todas as casas a fazer isso. Era uma tradição. (...) Fazíamos a fogueira, assávamos ouriços, levávamos pão, levávamos vinho ou cerveja. Pronto, levava-se outras coisas e era, ali, as famílias.” EH53.

[A dispor um ouriço]
Uma imagem digital em formato jpeg com 27mb. Imagem capturada por Sofia Costa. Um grupo de moradores de Porto Covo dispõe os ouriços entre os ramos antes de ser ateado o lume para os assar. [2016/04/09]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, Positivos, n.º CFA.0190.0001.



O - Mar

Ó cagarilhas! Ver também Ó caga rente!, Ó papa figos!, Ó arrebenta gorpelhas!, Ó caga rincha!

Forma de tratamento pejorativa.

“Deixa alguma coisa para mim, ó arrebenta gorpelhas!” DA004.

“Há quanto tempo, ó papa-figos!” DA004.

Ó caga rente! Ver também Ó cagarilhas!, Ó papa figos!, Ó arrebenta gorpelhas!, Ó caga rincha!

Forma de tratamento pejorativa.

“Deixa alguma coisa para mim, ó arrebenta gorpelhas!” DA004.

“Há quanto tempo, ó papa-figos!” DA004.

Ó papa figos! Ver também Ó cagarilhas!, Ó caga rente!, Ó arrebenta gorpelhas!, Ó caga rincha!

Forma de tratamento pejorativa.

“Deixa alguma coisa para mim, ó arrebenta gorpelhas!” DA004.

“Há quanto tempo, ó papa-figos!” DA004.

Ó arrebenta gorpelhas! Ver também Ó cagarilhas!, Ó caga rente!, Ó papa figos!, Ó caga rincha!

Forma de tratamento pejorativa.

“Deixa alguma coisa para mim, ó arrebenta gorpelhas!” DA004.

“Há quanto tempo, ó papa-figos!” DA004.

Ó caga rincha! Ver também Ó cagarilhas!, Ó caga rente!, Ó arrebenta gorpelhas!, Ó papa figos!

Forma de tratamento pejorativa.

“Deixa alguma coisa para mim, ó arrebenta gorpelhas!” DA004.

“Há quanto tempo, ó papa-figos!” DA004.

Olho Branco

Espécie de peixe. “Peixe plagióstomo, pardo-acinzado por cima, e branco por baixo.” (Figueiredo, 2010: 1413).

“Esse peixe chamava-lhe a gente olho branco. Esse peixe ainda existe, mas nunca mais deu notícia.” DA001.

Orlado

Diz-se quando a rede de pesca recebeu acabamento no seu contorno.

“Meto oito bóias, só. E cada bóia: meto umas aos vinte e quatro de espaço, centrais vinte e quatro, vinte e quatro entralhos e vinte cinco; aqui, as últimas, é que levam só catorze; bate certo, depois, uma vinte e quatro, outra vinte cinco, uma vinte e quatro para vinte cinco; chega ao fim está certo a conta, a conta de malhas. Depois, que isto, depois, ainda é orlado. (...) A rede fica orlada é assim. Por causa da malha não cair para baixo, ficar logo aqui, aqui, em cima, ou seja, depois, ia correndo, ia correndo até apanhar quatro ou cinco. Ficava muito pendurada. Assim fica a pescar melhor.” EM063.

P - Terra

Pescocho

Nascido.

Mezinha para os pescochos. “Punha-se tomates da Índia (tomate amarelo), ou punha-se sapos ou rãs abertos em cima das feridas, nascidos e negritos.” IDD23, n.º 2011.

Pio

Tanque grande em cimento, na fábrica de conservas. Segundo Figueiredo, no Alentejo o feminino “pia” designa tanque (Figueiredo, 2010:1561).

“Ia para uns, chamávamos nós, os pios, eram uns tanques grandes em cimento, com uma dita moura; uns grãos de moura, era o sal com água; e ficava uma temperatura para a moura ficar capaz de, vamos lá, segurar o peixe, para não se estragar, não é? Aquele tempero. Uma quantidade de sal e água.” EM014.

P - Um Pé na Terra, um Pé no Mar

Pandeirão

Indivíduo ou animal lento, pouco desejoso de trabalhar. Segundo o blogue Casa das Primas, “Homem corpulento que não quer trabalhar”.

“Isso ele é um pandeirão, nunca foi capaz de fazer nada sozinho...” DA004.

Paulito

Jogo popular.

“Na década de 40, o jogo do burro sofreu alteração, passando para o jogo do paulito, sendo o sistema o mesmo e o prémio idêntico - o vinho.” (Leal, 2001:24).

Peseiro

Pés do limo. Ver também Golfe.

“R. P.: Em cima disto, à roda da pedra, além em volta, de maré baixa. Arrancar as peseiras do limo e, depois, prantar tudo aqui em cima. Quando isto já estava tudo bem carregado, íamos prantar à coiso... Estava as mulheres da gente aqui à coiso... Para estender o limo. A gente íamos buscar mais.” EH063.

2 Blogue Casa das Primas, em <<http://casa-das-primas.blogspot.com/2007/11/mais-falares-usados-no-alentejo.html>>, consultado em 2019/06/17.

Pingalhão

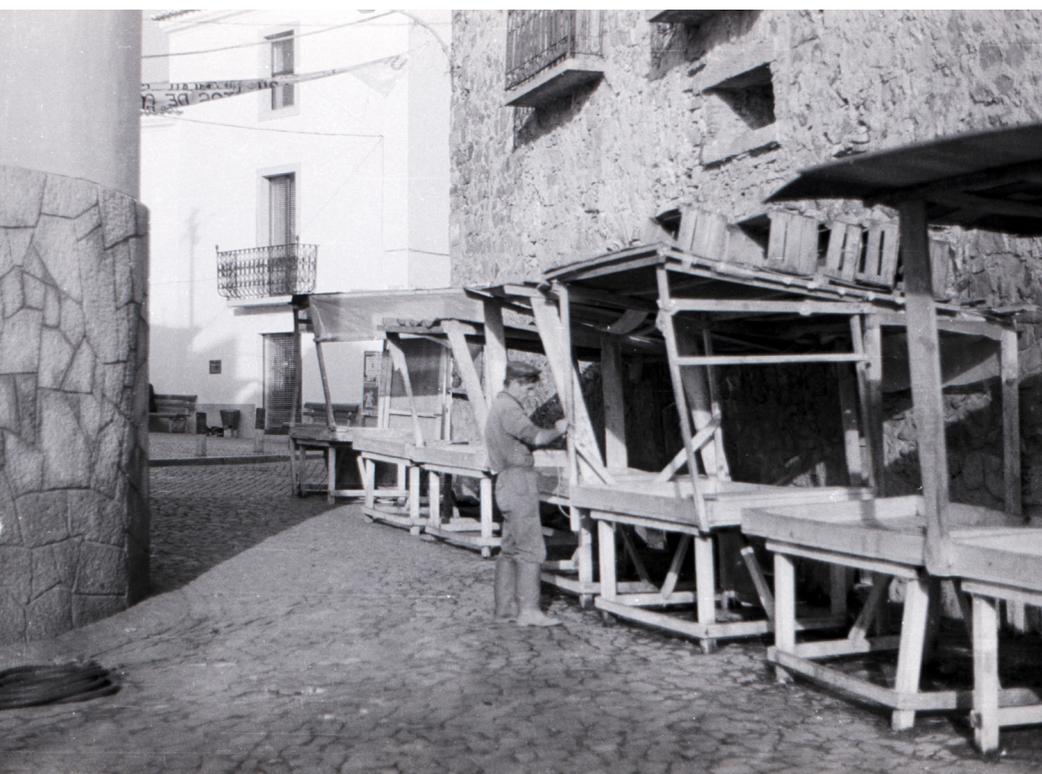
Pessoa desajeitada, grande e mal vestida.

“Pareces um pingalhão com esses sapatos.” (DA007).

Praça

Mercado Municipal. A designação manteve-se quando o mercado transitou, na primeira metade do século XX, da Praça Tomás Ribeiro para o Largo Poeta Bocage. Desde 1981 o Mercado situa-se na Avenida General Humberto Delgado, em edifício próprio.

“E a pessoa vai ali, à praça, comprar [o peixe](...)” EH063.



[A praça no Largo Poeta Bocage]. [1980]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, Negativos, n.º CFA0047-1.005.

P - Mar

Paleta

Peixe de cor preta. Ver também Barroso, Polícia, Lixa e Turra.

“Os pescadores, influenciados pela fraseologia barata do tal repórter [em relação à Guerra Colonial] passaram a chamar-lhes “turras”; hoje esses peixes, de nome científico difícil de assimilar, são conhecidos na gíria piscatória por barrosos, lixas, peixes arreganhados e paletas - por curiosidade, acrescentar que as paletas também por cá são conhecidas por “polícias”, uma vez que têm a particularidade de possuírem uma cabeça alongada, lembrando a pala de um boné.” (Vilhena, 2006:73).

Palmeta

Espécie de peixe. Pesca-se também no Algarve, segundo Figueiredo (2010:1462): “Peixe das costas do Algarve, de carne avermelhada e saborosa (De palma).”

“Pescavam-se muitas palmetas.” DA004.

Panca de mar

Onda muito grande.

“Vem uma panca de mar tão grande, tão grande, que rebentou pela proa, saiu pela ré!” EH029.

Pardala

Ave cuja presença indicava a existência de peixe. Ver também Rastenhar.

“E de dia, de dia sem ondas, vamos ao caso: além em Morgavel, via-se alcatrazes e gaivotas andarem, gaivotas não é bem assim, era as pardalas, as pardalas chama a gente, é aqueles pássaros criados nas ilhas, sempre tem outro nome, tem outro nome. Para a gente aqui era pardalas. Aquilo ali a rastenhar, a rastenharem... Era sinal de ter ali sardinha.” EH31.

Pargo Mulato

Espécie de peixe. Bluteau descreve-o (1727:273): “PARGO. Peixe do mar, quasi da feição da dourada na figura, nas barbatanas, pontas, ou espinhas das costas, & c. mas de cor ruiva.” Ver Pargo.

“O pargo mulato, que é um peixe bom. Tinha pouco valor. Tinha pouco valor, o pargo mulato. E é um bom peixe.” EH042.

Pata-Roxa

Espécie de peixe. Gata. Muito utilizado na caldeirada. Segundo Bluteau (1720: 315), “Patroixas. Peixe familiar do mar de Cezimbra. He do feytio do cação, de palmo, & meyo, & bello para doentes.”.

“Patarroxa- Squalus catulus - Dquale rousseatre.” (Lopes, 1850:107).

“Que não tem quase valor nenhum, que é a pata-roxa. Não sei se você conhece a pata-roxa? É tipo do tubarão. É da família do tubarão! A gente chama pata-roxa. E há outros que chamam gatas àquilo.” EH039.
“A pata-roxa é um peixe que dá trabalho é a esfolar. Mas se você for ali ao mercado, ela, em qualquer mercado, nunca está a menos de 5 [euros].” EH064.



[A lota na areia]. Aspecto da lota de Sines, com os peixes para venda divididos em lotes, na areia, e vários observadores. Na areia um lote grande de chaputas, à esquerda o lote de pata-roxa e, ao fundo, os lotes de peixe-espada. [1970]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Mar de Sines, Coleção de Joaquim António da Silva, MAR_018.0008.0003.

Pau caiado

Embarcação de pesca artesanal, mais pequena que uma traineira. Ver Rapa.

“Para não dizer que não andei em traineiras, andei num pau caiado, um ano, num homem que tinha um pau caiado. Mas eu fui para lá para primeiro andar às redes. Esse barco tinha redes, que a gente largava aos robalos, largava a qualquer peixe. (...) Um pau caiado a gente chama aqui uma traineira: [em] ponto pequeno chamam um pau caiado.” EH31.

“O pau caiado parece uma traineira, mas por metade.” DA004.

Percebe ou Pecebo ou Percebo

Espécie de molusco. Percebe. Segundo Bluteau (1720: 448, 625, 627): “Porseve. Marisco. Vid. Perceve. PERSÊVE. Marisco que se forma em pinha, & Se dá em pedras, donde Se tira com hum ferro. He do comprimento de hum dedo, com huma casca, quasi do feytio de borzeguim. Tem hũa unha no cabo, & se lhe tira o miolo, torcendo junto da unha. He muito gostoso. Não lhe acho nome Latino. PERSÊVES. Marisco conhecido. Saõ huns, como moyos de conchinhas, pendentés de hum nervo. Pela semelhança que este marisco tem com pés de cabra, chamãolhe alguns, Pedes caprini. Vid. suprâ Perseve. Na segunda mesa de Mariscos diversos, num. 103. diz o Author do esplendido banquete, & c. Os Perseves/Se a petiscallos te atreves,/Tiralhes as çapatinhas,/E dalhes sangue das vinhas.”

“Percevse? - Lepas pollicipes.” (Lopes, 1850:106).

“Maurício: Uma tijela de pecebos... Não era peso. Nesse tempo, não havia balança (risos). Uma tijela de pecebos era 10 tostões. Também era dinheiro (risos). F. Venturinha: E lapas? Vendiam também as lapas às tijelas. Isso era as mulheres. Iam apanhar as lapas e vendiam.” EH010.

[Um percebe]. Imagem digital com 32kb, oferecida por João Castro, CIEMAR. Um investigador segura um percebe com as rochas e o mar ao fundo. [2019]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, Positivos, n.º CF0272.



Pedreiro

Pessoa que ensina outra a ser mestre de traineira. O nome advém do facto de o mestre conhecer os locais onde se encontravam as pedras e os escolhos. Este sentido também é usado no Algarve (Brandão, 2018:292).

“Porque, antigamente, chamavam pedreiros ao tipo que ia ensinar ao outro mestre da traineira onde é que era pedra; onde é que não havia. Porque nesse tempo não havia aparelhos para ver as pedras. Havia a sonda. Já havia sondas. Mas não havia, vá lá, não havia aquela sonda de acusar a pedra.” EM010.

“Onde era pedra, onde não era, e essas coisas. Havia pessoas que chamavam, na altura, tinham o nome de pedreiros, que era as pessoas conhecedoras da costa, que ajudavam aos mestres das embarcações que tinham mais dificuldade em conhecer a costa, onde é que podiam largar a rede ou não. E, então, já viu o que é, se andar na pesca, ver-se o peixe e não saber se se pode largar a rede ali; ter que se parar, para com uma sondazinha de mão sondar a ver quantas braças era, para, depois, tentar regular as coisas, para não deixar a rede ir às pedras para partir. E isto é uma coisa que fica na história.” EH067.

Peixe a arder

Imagem que se recebe de um cardume de peixe a nadar. Ver também Ardentia e Branco.

“Via-se o peixe a arder: «Olha, vai além uma branca de peixe!» A gente chamava uma branca de peixe. Eh, punham-la à feição, largavam, cercavam o peixe. Apanhavam. Apanhavam, pouco ou muito, apanhavam”. EH31.

Peixe ângelo

Espécie de peixe.

“Havia aquele peixe, como é que chamam? O peixe ângelo. O peixe ângelo é um peixe parece um sapo. O peixe ângelo é um peixe grande. E, então, tem uma pele como uma lixa. Esse gajo, então, ainda mais caro.”EH010.

Peixes azuis

Espécie de peixe.

“Da cavala, a sarda. Havia esses peixes assim, denominados peixes azuis. O bonito, o sarrajão. Esses peixes. Eram considerados os peixes azuis.” EH010.

Peixe arreganhado

Peixe de cor preta. Ver também Barroso, Paleta, Polícia Lixa e Turra.

“Os pescadores, influenciados pela fraseologia barata do tal repórter [em relação à Guerra Colonial] passaram a chamar-lhes «turras»; hoje esses peixes, de nome científico difícil de assimilar, são conhecidos na gíria piscatória por barrosos, lixas, peixes arreganhados e paletas - por curiosidade, acrescentar que as paletas também por cá são conhecidas por «polícias», uma vez que têm a particularidade de possuírem uma cabeça alongada, lembrando a pala de um boné.” (Vilhena, 2006:73).

Peixe-bola

Espécie de peixe. Ver também Peixe-lua.

“Havia o peixe-lua ou peixe-bola, que era assim redondo.” DA004.

Peixe de escama

Peixes acantopterígiois.

“Daqui, desta costa, até Setúbal, esta costa é riquíssima. Tanto para o marisco, como... Agora, aí, as traineiras têm podido apanhar peixe, peixe, desse peixe de escama, que a gente chama peixe de escama. Têm apanhado, aí, carradas de besugos, sargos. Têm havido, aí, “muita” peixe. E linguados.” EH064.

Pelharcada

Grande quantidade.

“Há, aí, tantas coisas, tantas modas. Sabem o que é uma pelharcada? Hã? Usava-se muito aí, designadamente, o mestre Zé Farias. Eu tenho que estar, sempre, a falar nele (...). Usava muito, quando a gente apanhava muito peixe. E ele, às vezes: «Eh, esta pelharcada de peixe!» Ainda hoje há ditos, aí, que era... Muita quantidade chamava-se uma pelharcada. Era um dito aqui nosso, aqui, de Sines.” EH067.

Percebe mijão

Percebe de pouca qualidade. Ver também Percebo.

“Uma boa pedra é uma pedra que tem muita corrente; que tem muita oxigenação da água, que é como a gente vemos, às vezes, a espuma, ou aquela espuma branca no mar; e que cria bom percebe, um percebe consistente; e que desenvolva rápido o percebe. É uma boa pedra. Porque há diferenças de pedras. Há pedras que criam pouco percebe. Ou o percebe é mais fraco, como se chama, o mijão! E outras, as pedras, têm boa qualidade de percebe. Nós aqui em Sines ainda temos aqui umas boas pedras. Poucas, mas boas, a nível de qualidade de percebe.” EH47.

Perna de moça

Espécie de peixe. Ver também Caneja.

“A perna de moça é boa para a caldeirada.” DA004.

Pescaafiada

Pesca à linha, pelas pedras. Ver também Pesca das pedras

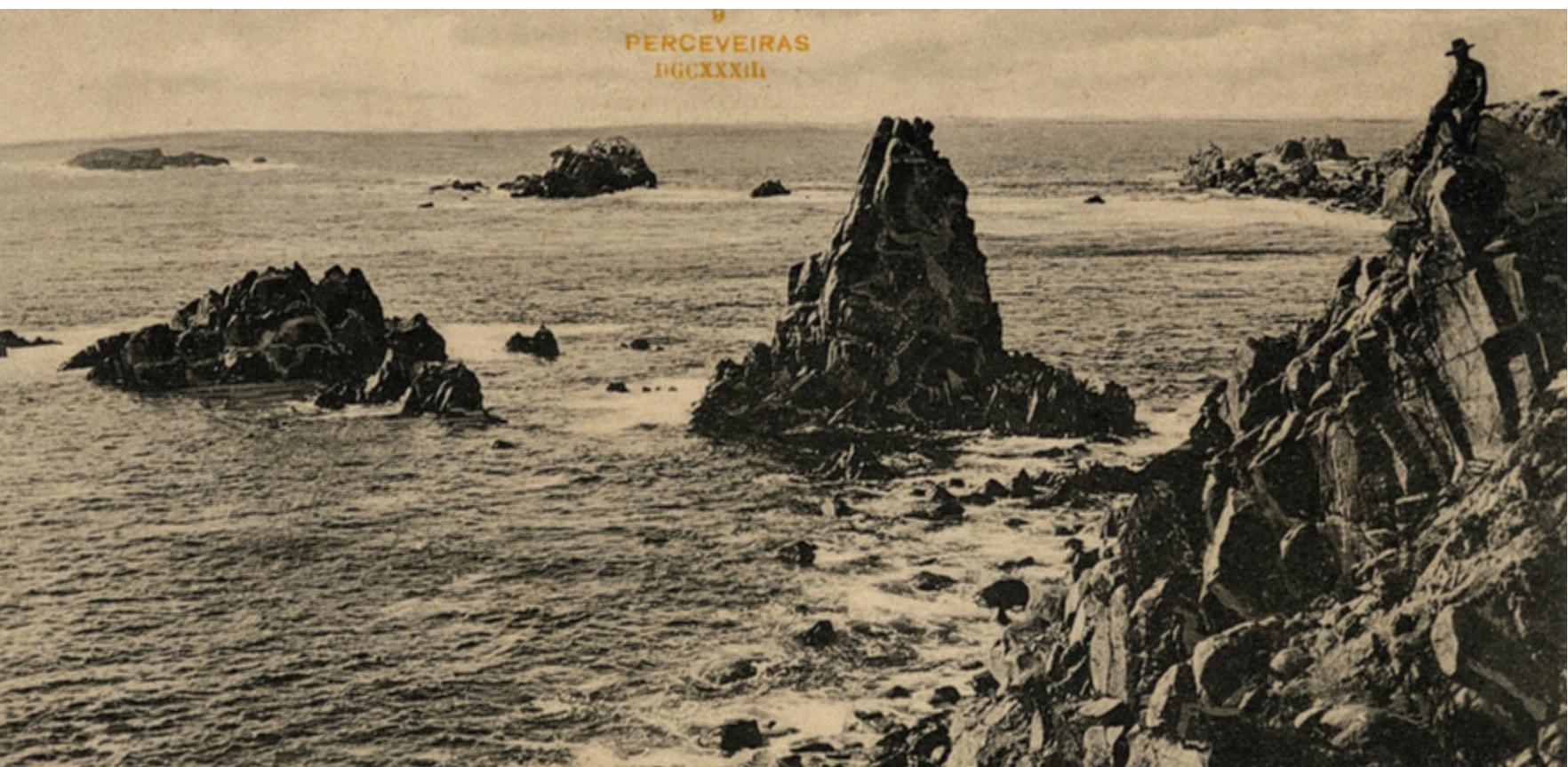
“Porque, antigamente, não se via uma pessoa de fora a ir aqui pelas pedras, o que chama a gente a pescaafiada. Não se via. E, hoje, se a gente der aí uma volta, pelas pedras: aqui está um; ali está outro; além está outro... Eh, coitados, muitos não percebem nada daquilo! Não apanham nada, mas estão ali entretidos.” EH053.

Pesca das pedras

Ir apanhar marisco e peixe nos rochedos. Ver também Pescaafiada.

“Também, se dedicou à pesca das pedras. Ir ao mar à pesca da cana, também, para a gente comer peixe fresco.” EM011.

“Eu fui, uma vez num bote com dois rapazes, eles, então, foram-me ensinar um pião que eu não conhecia, e tinha percebos.” EH24.



Percebeiras. É visível uma figura masculina nos rochedos. [1920]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, Fotografias emprestadas por munícipes. CF0056.

Picacho

Espécie de peixe. Ver também Pargo.

“Picaxo - *Perca fluviatilis*.” (Lopes, 1850:107).

“Picacho é um pargo grande, com um gorro na cabeça. Também é um peixe que está em extinção, também.” EM010.

“Sítios que a gente sabia que era bom de picachos, bagos grandes, bandeiros. O bandeiro é como o picacho, é um peixe maior do que o pargo.” EH031.

Pilado ou Pilau

Caranguejo usado para a isca. Na definição de Figueiredo (2010:1555) é: “Caranguejo vulgar das águas costeiras, que se emprega como adubo das terras.”

“E era o pilado, chamam eles o pilado, que é aquele caranguejo encarnado.” EH029.

“Nesse ano, não encostou pilau, que é um carangueijinho que a gente usa para a isca.” EH064.

Pingalins

Isca de cavalas vivas.

“Estávamos fundeados, quer dizer, o barco ancorado: e apanhava-se à zagaia, com uns pingalins, levava no fio. Pingalins quer dizer uma amostrazinha pequena. Apanhava-se cavalas, cavalas ou carapaus ou outra coisa. E a gente estava ali atenta com o aparelho a pescar ali pela popa. Com uma cavala viva, espetava-se ali pelo lombo, ali, e jogava-se para dentro de água.” EH31.

Polícia

Peixe de cor preta. Ver também Barroso, Paleta, Lixa, Turra.

“Os pescadores, influenciados pela fraseologia barata do tal repórter [em relação à Guerra Colonial] passaram a chamar-lhes “turras”; hoje esses peixes, de nome científico difícil de assimilar, são conhecidos na gíria piscatória por barrosos, lixas, peixes arreganhados e paletas - por curiosidade, acrescentar que as paletas também por cá são conhecidas por “polícias”, uma vez que têm a particularidade de possuírem uma cabeça alongada, lembrando a pala de um boné.” (Vilhena, 2006:73).

Prego pino ou Pino pau

Prego de madeira.

“Porque a bota, uma parte delas, eram pregadas a pino pau! Pino pau era... os coisos... os pregos eram de madeira. Está a perceber? Tinha duas forras. Uma era cosida. A primeira era cosida com pontos e a segunda era prego pino. Chamavam eles prego pino, que é um prego de madeira. E, então, usavam nessa época.” EM010.

Q

vereda

esticar mais do que os elásticos

casqueira

parrete

escalameda

alafar

impostar

cuchara

endireita

partimuneira

atã

enleia
pêra

zorra

projeto

maca preta

judeu

galega

pimpelha

carapela

não há quinas

pirate

ter amanda

mocho

chiaridade

escangalhar

diabros

esmorecida xarifa

dar noia

pícaras

avriar o calhau

fueirada

carrega

lêche

amambador

criar noia

pluminda

calhau

cigueira

garnar

sair da calma

descarçoa

magane

mangar

encher o bandulho

conduta

ter bichos carpinteiros

Q - Terra

Quadrador

Operário corticeiro que reduz a cortiça a pedaços para deles se fazerem as rolhas. Segundo Figueiredo (2010), “o que quadra. O que faz quadros.”

“Os trabalhos mais pesados eram para os quadradores. Nunca me lembra de uma mulher fazer o serviço que eu fazia, por exemplo, a quadrar, a fazer quadros, é, nunca me lembro.” EH013.

“Depois, aos 16 anos, eu era um operário especializado: era quadrador. Era a melhor profissão que havia.” EH034.



Isidro do Ó a quadrar na fábrica de Possidónio Nunes. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines, Coleção Mosaico das Memórias, empréstimo de Isidro do Ó, n.º MMS.010.0001.

Quemodo

Dessa maneira, por isso. “Quomodo. De que maneira. Advérbio interrogativo latino.” Lourenço, 2019.

“Durou poucachinho tempo. Depois, a gente apanhava limo nessas pedras. Depois, era proibido já. Começou a ser proibido. Quemodo era a comida do peixe.” EH063.

Q – Mar

Quarteirão

Vinte e cinco unidades de peixe. Medida de 25 peixes.

“Os quarteirões era: a gente vendia, havia um comprador que comprava, dizia que queria cinquenta, era dois quarteirões, era vinte cinco com um atravessado, que era para algum que tivesse rebentado a ver se compunha e mais vinte cinco. Portanto, levava cinquenta e dois peixe-espadas. Normalmente era assim.” EH060.

“Contavam as sardinhas. Portanto, era um quarteirão. São 25. Vá lá um quarteirão de sardinhas e mais uma, que é para o gato (risos)...” EH061.

Quente de peixe

Zona boa para a pesca, a que o peixe aflui.

“Era muito quente de peixe. Por acaso, era muito quente de peixe. Não sei porquê, mas o peixe punha-se ali, ali, àquele canto [Morgavel]. E havia ali muito peixe. (...) Quando havia muita nortada, o peixe encostava ali.” EH068.



R

R - Terra

Rabiscar ou Ao rabisco

Apanhar fruta ou outros bens que sobravam de uma colheita ou de uma recolha sistemática, visto de forma pejorativa. Segundo Bluteau (1720b:82): “Rabiscar. Colher as uvas, cachos, ou escadeas, que ficarão da vindima.”

“Nenhuma pessoa de qualquer qualidade que seja assim omen, como molher, ou rapaces possa entrar a rabiscar nas vinhas desta villa e seu termo, sem que esteja qualquer das eransas acabada de todo de vendimar.” DA003.

“As mulheres que vinham a Sines vender aos fabricos pequenas quantidades de pedaços de cortiça que conseguiram juntar ao percorrer os montados de sobro ao rabisco (...)” (Leal, 2001:29).

Ritas

Mantas, cobertores.

“Traz as ritas que estão em cima da cama, por favor.” DA004.

R - Um Pé na Terra, Um pé no mar

Rio

Poça formada por uma nascente que desagua no mar, onde as mulheres lavavam a roupa. Vários topónimos se mantêm com esta designação, como o Rio do Ouro, o Rio da Praia da Moura e o Rio do Bailão.

“Era então uma criança, estávamos nos anos quarenta e via passar as velhinhas da minha rua com ca-trefas de roupa à cabeça. Ouvia a minha mãe dizer: - Já voltaram do ‘rio’. Durante alguns anos andei convencido que o rio seria como o Corona, que eu conhecia por Ribeira da Abela, onde a minha avó lavava a roupa que depois punha na barrela e que ficava com aquele cheirinho que recorro com saudade. Cresci e um dia fui às camarinhas - aquelas bagas brancas que tinham tanto de gostosas como de poder de entupimento do intestino grosso, deparei com as velhinhas da minha e doutras ruas, juntamente com as mulheres jovens, lavando roupa em covas cercadas de pedras e repletas de água pura. Perguntei: «Ó Ti Maria Calhordas, então isto é que é o rio?». «Não», disse-me ela. «Isto são os rios!» De quando em vez, lá ia ao Rio do Ouro, para ver ao Norte e as lavadeiras dos rios que só eram soltos para que a água limpa brotasse da terra.” (Vilhena, 2006:71).



[A lavar no rio]. Prova fotográfica a preto e branco. Duas mulheres e uma criança da família Venturinha encontram-se a lavar a roupa à mão, num rio. [1960]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines, Colecção Mosaico das Memórias, Melinita Freire, unidade de instalação nº81. Fotografias de António Martins, documento 0004.

R - Mar

Rabada

Isca feita de um filete de cavala. Segundo Bluteau, trata-se do “rabo do peyxe. Piseis caudae Fem.” (Bluteau, 1720b:30).

“A cavala, sabe o que é a rabada? Da cavala, tirava-se ali um filete, fazia-se aquilo ali em postas à medida para espetar no anzol: fazia uma isca.” EH031.

Rapa

Arte de cerco. Barco grande que usa essa arte.

“Também apanhava muito peixe com a rede, com o rapa. A largar, largar o rapa. (...) Quando era com rapa, que era a arte de cerco, é que tinham que ser muitos, para puxar a rede cá para dentro.” EH029.

“Andei com o Zé do Porto. Com o rapa. Porque o Zé do Porto tinha um rapa. Que era um barco assim grande!” EH030.

[No porto de pesca]. Pormenor do porto de pesca de Sines, com as embarcações. Beleza do Sado, Cova da Onça, Ave de Prata, Dois Irmãos Unidos, entre outras, junto a caixas de madeira. [1980]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, Negativos, CFA0003-8.AB1.



Rastenhar

Esvoaçar rente ao mar. Ver também Pardalas.

“Para a gente aqui era pardalas. Aquilo ali a rastenhar, a rastenharem...Era sinal de ter ali sardinha.” EH031.

Rebolim

Nome da muralha e rochedo protectores da Ribeira. Bluteau regista-o como termo da engenharia militar: “REBELÎM. (Termo da Fortificação.) Vid. Revelim. (E chegado ao Rebelim. Portugal Restaur I. part. pag. 886) (Bluteau, 1720b:136). He hua obra menor, exterior, em forma triangular, ou de Trapezio que vem a ter com flancos a modo de Baluarte, & se fabrica fóra das praças defronte das cortinas longas & lugares mais fracos, começando logo além da contrrascarpa, cujo fosso se communica com o da Praça; serve para melhor defender os lugares mais fraços, & também para cobrir melhor as portas; assim mesmo para multiplicar defensas, & dar ossos, que roer ao inimigo, preservando o corpo da Praça principal Propugnaculum exterius triangulare. (Alguns chamão indifferentemente Meyas Luas, assim aos Revelins, como às Meyas Luas.” (Bluteau, 1720b:311-312).

“O mar chegava a pular o Rebolim! Vocês ainda conheceram o Rebolim inteiro? Não?” EM010.



[Sines, a calheta]. Em primeiro plano a entrada do Armazém da Ribeira, e, em segundo plano, os molhes de protecção e o Revelim (construído sobre um rochedo natural). [1960]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Mosaico das Memórias, Colecção de Melinita Freire, n.º MMS/B/000017.

Rede branquera

Arte de pesca. Tipo de rede de pesca com três panos (tresmalho).

“Maurício: Por exemplo, havia aí as redes branqueras. As branqueras era uma rede que se usava. Aquela rapaziada de Santo André vinha de Verão para aqui. Acabava a lagoa, vinham para aqui para a pesca. Cada homem desses tinha uma lancha aí. Como alguns ainda tiveram aí até tarde. E, então, quer dizer, andavam às branqueras. Apanhavam salmonetes, apanhavam burrinhos, bodiões, e esses peixes aqui mais da borda de água. E havia as sardinhas, como eu já disse.” EM010.

“Andava-se com a rede da boga, com a rede branquera. A rede branquera chamava a gente, que era uma arte com três panos, três panos. Tem um ao meio de malha curta e tem duas de lado que é as albitanas.” EH31.

“Era, a gente chamava-lhe as redes branqueras [na área do Terminal 21]. Era uma espécie de rede, que era a que usava. E o que é que apanhava ali? Era alguns requemos, algumas abrótiás, algum marisco, e aqueles burrinhos ou os bodiões como lhe chamam, que era... Eh pá, na altura, na altura, um tipo vendendo 150 ou 200 escudos tinha um dia bom, pá.” EH60.

Remendar

Coser a rede.

“Remendava... Ia remendar, que você sabe o que é... Remendar rede. Alguns chamam-lhe coser rede. Mas a gente chama remendar. Aquilo é corto. Aquilo é muito bonito remendar. Eu gostava de remendar.” EM016.

[A remendar as redes]. Um grupo de pescadores amanha as redes no porto de pesca. [1980]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, CFA0008 B4.



Requeime

Espécie de peixe. Bluteau regista o termo: “REQUEIME. Peyxe do mar, do tamanho de meyo palmo, pardinho no lombo, & branco pela barriga, junto às pestanas dos ouvidos, tem dous ferrões, ou espinhas, que picaõ muyto, & em pessoa mal complexionada são perigosas, porque causão herpes. Raspase para se comer; Come-se do umbigo para traz, do embigo para diante, o deytaõ fora por amargar muyto. Bem a segunda gloria merecida/Da Garoupa serà por taõ prezada,/Que a terceyra, a bondade conhecida/Do Alfonfim, a tem já conquistada,/A quarta ao Requeyme lhe he devida/ Posto que com cabeça aventajada.” (Bluteau, 1720b:273). Ver também Rasção.

“Requeime (no Algarve, Rasção).” (Lopes, 1850:106).

“Entrevistador: E que peixe é que vocês colocavam na vossa caldeirada?

F. Venturinha: Safio, requeime.

Sabe o que é requeime?

Maurício: É um rasção.

F. Venturinha: Rasção.

Maurício: Aquilo tem muitos picos.” EM010.

Resumo (fazer o...), (tirar o...)

Perceber a qualidade do peixe sem recurso a equipamentos electrónicos.

“É como o mestre à sonda. Acusa, não sabe se é besugo, se é corvina, se é sardinha, se é cavala, se é carapau. Se ele quiser morrer, é que um gajo vê a qualidade. E, depois, eles é que fazem o resumo. Isto é carapau, isto é sardinha, isto é besugo. Mas, não, eles não têm a certeza do que é. Tiram o resumo!” EH023.

Ribeira

Porto de pesca em Sines, antes de 1971, localizado na antiga calheta e zona circundante, possuindo uma praia da areia. Segundo Bluteau (1720b:328), “Ribeyra do mar. Fid. Praya”. A actual Ribeira é composta por um conjunto de armazéns, lota e edifício administrativo, sendo protegida por um molhe artificial.

“Mas acho que iriam à ribeira. Que era a ribeira, que elas iam.” EM011.



Antiga Ribeira de Sines, sendo visíveis o caminho de acesso ao porto, os dois molhes, vários edifícios e os barcos ancorados. [1960]. Arquivo Municipal de Sines, Câmara Municipal de Sines, Coleção Mosaico das Memórias, empréstimo de Carlos Diogo, MMS.053.0032.

Ropé

Do inglês *rope*, corda, cabo.

“Então, a arte tem medidas. Tem uma medida do chumbo, medida de bóia (...) E depois, tem arrumado ao chumbo, tem o ropé, chama a gente, o ropé que é uma rede grossa, o chumbo; e tem mais outra, um bocadinho mais fina, a seguir do chumbo, desse grosso; e depois tem, então, a rede fina (...)” EH069.

vereda

esticar mais do que os elásticos

casqueira

parrete

escalavarda

alvalar

impostar

cuchara

endireita

partaminina

atã

enleia
pêra

garra

projeto

maca preta

judeu

não há quimeras

S

chui
caridade

galega

pimpelha

carapela

pirate

ter amando

mocho

em la

descampalar

dispersos

fueirada

esmorecida, xarifa

pícaras

avriar o calhau

carrega

lôcho

amambador

pror rog

o

inta phoimuda

calhau

errado

cigueira

ganear

sair da calma

descarçoa

meridades

mangar

encher o bandulho

magane

conduta

ter bichos carpinteiros

S - Terra

Sarabelhenta

Grossa, mal feita. Segundo Figueiredo (2010:1801), “Que tem sarabulhos [asperezas na loiça]. Pop. Que tem bostelas; ulceroso.”

“Era as ditas facas corticeiras, que tinham que estar muito bem, muito bem, afiadas, para fazer o filete muito fino, muito fino, não ficar a carne do peixe, assim, um bocado sarabelhenta” EM014.

Sarmocina

Discussão monótona e contínua.

“Já não posso ouvir essa sarmocina!” DA004.

Semear à ração

Semear em terrenos que não eram seus e dar parte do produto ao dono do terreno.

“O que não tinha terreno, semeava à ração. À ração, chama-lhe a gente à ração: é cinco um, ou a gente bate cinco um, ou três um. Era conforme... Pronto começou três um, depois, era cinco um, já melhor. E, então, andámos muitos anos nessa coisa assim. (...) Eles os três é que tinham uma terrazinha ali à ração, e semeavam, uma parte era milho, outra parte era trigo. Ou cevada. Isso lá o que eles entendessem.” EH064.

S - Um Pé na Terra, Um pé no mar

Seisseiro

Arbusto cujas varas servem para fazer cestos.

“R. P.: E eu mais o meu irmão João fazíamos com... Os arcos, depois, das nassas, fazíamos com aquelas varas de seisseiro... Sabes o que é?”

Sabino: Sei. É o que fazia os cestos.” EH063.

S - Mar

Safar aparelho

Depois da pesca, preparar as artes para outra ida ao mar.

“Andava à escola e ia safar aparelho, nas férias. De Verão, ia safar aparelho, quando era mais novo. Havia aí, sempre, barcos que andavam à pescada. Antigamente, andavam. Havia muito trabalho e a gente desenrascava-se. Safar aparelho para um ou para outro; ou ajudar a um ou a outro; ou, aí, à pesca com um e com outro, para as pedras ou para qualquer lado.” EH063.

[A safar aparelho]. Prova fotográfica a preto e branco. Imagem de seis pescadores a puxar o fio de seda para os anzóis (safar aparelho), talvez no Bairro Marítimo. Ao fundo, várias casas e transeuntes. No verso o carimbo da Foto Leandro com o número 11b. [1960]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Mar de Sines, Coleção de José Joaquim Santana Oliveira, MAR_018.0002.0001



Samirro

Espécie de peixe. Safio pequenino.

“E aqui entra, pode entrar, marisco, navalheiras; às vezes, umas moreias; às vezes, uns samirros mais pequenos...” EM015.

“Apanhava uma navalheira, apanhava samirros, apanhava uma moreia, apanhava essa coisa assim.” EH054.

Samo

Espécie de peixe. Parte do bacalhau. Segundo Figueiredo (2010:1713), significa o mesmo que capatão, “Peixe pristipomátida, espécie de pargo.”

“Era salgado as caras, numa barrica os samos. Vocês nunca comeram samos? É bom, do lado da espinha.” EH036.

Sardinha arinca

Espécie de peixe usado para fazer iscas.

“Sardinhas arincas. E eles cortavam, de manhã, iscavam, e era largada enquanto eles...” EH036.

Sardinhar

Causar desconforto no estômago.

“Por exemplo, o peixe estava, por exemplo, ali dois ou três dias; estava dois dias, até três dias estava no frigorífico. Quando ele passasse, por exemplo, o salmonete é um peixe que começa a sardinhar a barriga. O gajo não estava já coiso, mandava jogar fora. Jogava os salmonetes fora e comprava novo.” EM010.

Sardague

Nome pelo qual é conhecida a Praia do Cerro da Águia, na freguesia do Porto Covo.

“Antigamente a Praia do Cerro da Águia era a Praia do Sardague.” DA007.

Secada

Lugar seco na Ribeira onde se colocava o peixe que ia ser embarcado.

“Quando na secada se encontrava o volume pretendido para a canoa se fazer ao mar, o peixe era metido no sal e colocado, às camadas, no porão do barco.” (Leal, 2001:84).

Selapa

Pedras côncavas que servem de abrigo aos pescadores.

“Quando havia vendaval podíamos sempre abrigar-nos nas selapas.” DA004.

Sesimbrão

Natural ou habitante da vila de Sesimbra.

“Os sesimbrões são os indivíduos de Sesimbra.” EH34.

Setubalão

Natural ou habitante da cidade de Setúbal.

“Setubalões - os naturais de Setúbal.” (Correia, 1996:176).

“Os setubalões. Traziam o peixe amanhado, fazia-se a caldeirada. Mas esses tínhamos que fritar peixe para eles no outro dia terem o peixe frito para o almoço (risos). Que eles levavam o dia inteiro no mar, só vinham à tardinha.” EH010.

“Até que passa um barco que era setubalão.” EH031.

Siba ou Sipa

Espécie de molusco. “Gênero de molluscos, que têm por typo o chôco vulgar. (Do lat. sepia).” Figueiredo, 2010:1839. Ver também Choco.

“Chóco, Siba - Sepia officinarum.” (Lopes, 1850:106).

Sueste (peixinho do...)

Sardinha da costa algarvia, a primeira a ser pescada a partir de Abril. (Brandão, 2018:288-289).

“E nós começávamos a apanhar aquilo que chamávamos o peixinho de sueste lá, na costa algarvia, que, nesta altura, já está todo bom. Se houver lá peixinho desse, de certeza absoluta, que já está todo bom para se comer. Começávamos a trabalhar lá, na costa algarvia, e vínhamos sempre. Tínhamos aqui grandes crises de sardinha, também, já nessa altura. Porque era a questão da corrente. A questão dela não. Não banhar. E começávamos, aqui, a vir apanhar sardinhas aqui, era a partir do mês de Junho.” Eh067.

T - Um Pé na Terra, Um pé no mar

Tuna, dar ou levar

Dar ou receber uma tarefa.

“Dar uma tuna - dar uma tarefa.” (Silva, 1989:108).

T - Mar

Taratatá

Espécie de peixe.

“... Havia peixes que iam à lota que não valiam nada e que não prestavam mesmo, que era o caso dos taratatás que a gente chamava, aqueles peixes muito grandes, que eram os taratatás, que aquilo ao cozer desfazia-se tudo em água.” EH010.

Terra da Ilha

Topónimo na Ilha do Pessegueiro, visível para quem chega de barco e que é sinal de terra.

“Passei pela Terra da Ilha, nem sequer vi a ilha! Encontrei-me ali com uns moços, que estavam também a trabalhar lá no porto de Sines, que pescavam ali com umas nassazinhas. Tiveram a falar comigo: «Eh, Zé, olha, estás aqui na Terra da Ilha!» .” EH056.



[Vista da Ilha do Pessegueiro a partir da costa]. Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines, Coleção Fotográfica, CFA0189-000-014.

Turra

Peixe de cor preta. Ver também Barroso, Lixa, Paleta, Peixe arreganhado, Polícia.

“Os pescadores, influenciados pela fraseologia barata do tal repórter [em relação à Guerra Colonial] passaram a chamar-lhes “turras” hoje esses peixes, de nome científico difícil de assimilar, são conhecidos na gíria piscatória por barrosos, lixas, peixes arreganhados e paletas - por curiosidade, acrescentar que as paletas também por cá são conhecidas por “polícias”, uma vez que têm a particularidade de possuírem uma cabeça alongada, lembrando a pala de um boné.” (Vilhena, 2006:73).

vereda

esticar mais do que os elásticos

casqueira

parrete

escalameda

alafar

impostar

cuchara

endireita

partimuneira

atãe

enleia
pêra

zorra

projeto

chui

maca preta

judeu

galega

pimpelha

carapela

não há quinas

pirate

ter amanda

mocho

emula

+

idade

escangalhar

diversos

fueirada

esmorecida, xarifa

dar noia

pícaras

avriar o calhau

carrega

lêche

amambador

prisa

pinha platinada

calhau

cigueira

garnar

sair da calma

descarçoa

magane

mangar

encher o bandulho

conduta

ter bichos carpinteiros

V - Terra

Visitar

Na indústria conserveira, inspeccionar. Ver também Visitadeira.

“Tínhamos que nós andávamos, umas quantas senhoras, em pé, às mesas a ver, a visitar, chamava-se o visitar o trabalho das outras.” EM014.

Visitadeira

Mulher que, na fábrica de conservas, inspeccionava o trabalho das outras.

“Se a visitadeira, a chamada visitadeira, encontrasse alguma coisa que não achasse jeito, dava para a senhora: «Esta não está boa, vou pôr outra mais pequenita!»” EM014.

V - Mar

Vaga morta

Quando a onda não rebenta.

“Toma atenção à vaga morta, que não rebenta.” DA004.

Varino

Pescador e vendedor de lagosta, de Setúbal. Segundo Figueiredo (2010: 2046), é uma variante de vareiro, “Relativo à beira-mar, entre Aveiro e o Pôrto proximamente: homem vareiro; barco vareiro.”

“E os de Setúbal, os varinos, vinham à lagosta. Traziam as bateiras, e outros, já depois mais tarde, já começaram a trazer barcos. Não iam para Setúbal, porque aquilo dava muita despesa.” EH010.

Vender à voz

Chui, leilão de peixe. Ver também Chui e Vender o peixe à boca.

“E estava aqui a lota cheia de peixe. E eu tive de vender o peixe todo à voz. Embora isto estivesse tudo avariado, não se conseguiu, quer dizer, não se conseguia faturar. (...) Só se vendeu à voz. Ficou-se apontado no papel e quando isto teve bom introduziu-se o peixe todo, os compradores e aquilo tudo, as espécies, tudo. É. O problema é quando isto avaria (risos...). (...) Uma pessoa pode falhar. E se falhar numa venda grande - como a gente costuma dizer - pode perder o pescador, que a gente baixe ali três, ou quatro ou cinco palavras numa caixa de peixe. Em quinhentas caixas, está a ver? É muito dinheiro. É o pescador que perdia, e o comprador, quem comprava, aquele que comprasse comprava mais barato daquilo que ele tinha dado o chui. Está a ver? Porque a gente não consegue instantaneamente parar quando eles falam. Dá sempre duas, três palavras para baixo, que a gente vem embalados. Dá sempre. Pelo menos, duas, três palavras dá-se sempre, porque é o normal.” EH059.



Leilão do peixe na lota. 1994. Arquivo Municipal de Sines, Coleção Fotográfica, CFA-001-0021-000016.

Vender o peixe à boca

Leilão do peixe, chui. Ver também Chui e Vender à voz.

“Há lá pessoas que sabem vender o peixe à boca. Mas, não. Já não querem estar cá a falar e a escrever! Isso já dá muita trabalho! Agora, é tudo electrónico, põem ali...” EH064.

Z - Terra

Zanganilho

Ventania, vendaval, vento muito forte.

“Está um zanganilho, ainda levanta as telhas!” DA004.

Zipela

Inchaço nas pernas, cara ou braços.

“Mezinha para as zipelas. Utilizava-se papas de abóbora. Punha-se num pano e colocavam-se nas partes inchadas”. IDD23, n.º 2011, n.º 218.

Z - Mar

Zingar ou Gingar

Fazer andar a embarcação através duma vara comprida. O termo é usado no Brasil com o mesmo sentido: “Vara comprida, de que se servem os canoieiros, para vencer a fôrça da corrente, quando não basta a acção dos remos. (Corr. de ginga. V. ginga).” (Figueiredo, 2010:2102).

“Como é que se ginga? Então, é assim: no mar, têm uma espadilha, que fazem assim? Endireitam o barco, e quando a gente é sozinhas no remo; a gente faz para trás; para trás é para gingar; e para a frente é para remar para a frente. Gingar é assim. Faz-se assim.” EM016.

“A zinga? Então a zinga é ir a bordo da chata com o remo, cá, atrás. Ora, isso é zingar. E com os dois coissos é remar. Pois. (...) A gente sentava-se no banco da chata, não é? Com os dois remos, remar. E quando era só com o remo, cá atrás, chamava-se zingar.” EH042.

Zorro (rabo de...)

Limo apanhado nas praias. Ver também Golfo.

“Não há aquele limo, que a gente chamava o rabo de zorro. E outro limozito também esponjoso, assim em cadilhozinhos de xaile.” EH056.



vereda

esticar mais do que os elásticos

casqueira

escalavarda

impostar

parrete

zorra

projeta

cuchara

endireita

atã

enleia
pêra

chui

maca preta

judeu

partominina

não há quimeras

ter avonde

alarvidade

descangalhar

galega

pimpalha

ANEXO

Lista de termos não incluídos

carapela

pirite

mocho

diálogo

fueirada

esmorecida

xarifa

dar noia

pícaras

avriar o calhau

carrega

côcho

amanhadar

descarçoa

pinta platinada

calhau

cigueira

maridades

garnear

sair da calma

encher o bandelha

magane

conduta

mangar

ter bichos carpinteiros

- a) Por serem comuns ao Alentejo;
- b) Por haver dúvidas na sua transcrição;
- c) Por existirem na norma do português padrão mas terem uso pouco frequente;
- d) Corruptela de expressão existente;
- e) Termos conhecidos na pesca e na náutica e que não têm significado específico em Sines, mas que são aqui conhecidos.

À cora a)	Ardente da água e)
À da minha, à do meu a)	Arraia d)
Abacelar c)	Arrelhada e)
Abadejo d)	Arriar ao peixe b)
Abala, abala c)	Arte de arrastar e)
Abalar a)	Artenilha c)
Abanar aos robalos b)	Artes e)
Abrição c)	Artista a)
Abrótea e)	Asevia d)
Acariar a)	Assomar a)
Acejo e)	Atoninha d)
Açougue a)	Atum e)
Afocinhar c)	Avareiado d)
Água de mar b)	Avio a)
Albacora d)	Azagaia d)
Alçaprema c)	Bailes de moda a)
Alcar c)	Baldear a)
Alcaria a)	Balhana a)
Alemo d)	Basto a)
Almariado a)	Bateira e)
Almariar a)	Bêbedo e)
Almece a)	Beber o café a)
Almeirão c)	Beldroega a)
Alvitana b)	Belindre d)
Amanhar a)	Besugo e)
Amêijoa e)	Bica e)
Andar à pergunta a)	Bico da proa e)
Andar às fugidas a)	Bilro e)
Andar de candeias às avessas a)	Biscainha a)
Anequim e)	Bitola c)
Anzol e)	Boa malha a)

Boas noites a)	Casão a)
Bodião e)	Cavala e)
Boga e)	Cavalo do mar e)
Bogueira e)	Cento c)
Bonito e)	Chaparro a)
Boqueirão e)	Chaputa e)
Borregata e)	Chaputão e)
Boto e)	Cherne a)
Branca de peixe e)	Chicharro e)
Bredos a)	Chinquilho a)
Brigar a)	Choco e)
Buque e)	Choupa e)
Burrinho e)	Ciar e)
Buxo a)	Clamar a)
Buzaranha a)	Coio e)
Búzio e)	Combro a)
Cabo puxe e)	Conduto a)
Cação a)	Congro e)
Cachão c)	Corvero a)
Cachucho e)	Corveu e)
Calcão a)	Corvina e)
Caldeirada de porrada a)	Cravar uma pua a)
Calhando a)	Creto d)
Camaço de porradas a)	Curricar b)
Camarada a)	Danação a)
Camarada a)	Dar a feição a)
Camarinha a)	Dar feito a)
Camioneta da carreira a)	Dar notícia a)
Canivete e)	Dar o corpo às ripas a)
Capacho a)	Dar vaia a)
Capatão e)	Deladoiro b)
Carapau azul e)	Delanêro a)
Carapau branco e)	Demasia a)
Carapela a)	Democrata a)
Caroupa d)	Dentão e)
Carraceiro a)	Desafio, ao a)
Carrasca a)	Desalvorar a)
Carreiro a)	Desmarcado a)
Carreto, Terra de a)	Despique e cantar ao despique a)

Destroxo b)
Dispor a)
Dormir uma folga a)
Dourada e)
Emblicar d)
Emboiar b)
Embrêso a)
Emburnear a)
Empeixeirar b)
Emposturices a)
Encher o bandulho a)
Engamelar e)
Enricar a)
Entesar a)
Entralhar e)
Entretenga a)
Entroxado a)
Enxorrar e)
Enxova b)
Enxovar d)
Escapatório a)
Esfolochadinho a)
Esgodelhar b)
Espadarte e)
Espernegar a)
Estar a montes a)
Estar afanada a)
Estar desejando a)
Estar em cuidado a)
Estar em pancas a)
Estar feito a a)
Estar-se a pôr a)
Estorvar a)
Estroncar b)
Faca corticeira c)
Fachear b)
Faneca e)
Farrajo a)
Fataça e)
Fateixa e)
Fatias de ovo a)
Fazer o nariz feio a)
Fazer o peixe b)
Fazer timão e)
Fazer uma gação a)
Ferreira e)
Ferro macho e)
Folga da rede e)
Folica b)
Fondura d)
Fonica a)
Forrar a)
Funzunguice b)
Gafo e)
Galar a melancia a)
Galdeirice a)
Galferragem a)
Galões a)
Garoupa e)
Garreão a)
Gimbrar a)
Goraz e)
Gorpelha a)
Gorpilhão a)
Grado a)
Ideia, na minha a)
Insado b)
Ir de alvaquelha a)
Ir de esgalhêreta a)
Jogar aos bonecos b)
Jogo da malha a)
Lagosta e)
Lampreia e)
Lapa e)
Largar da mão a)
Lavagante e)
Leão e)
Lidação, Ter a)

Língua de boi a)	Onde agora a)
Linguado e)	Ontepassado d)
Longueirão d)	Pampo e)
Louvados e)	Pandeireta e)
Lua marçalina a)	Papelote b)
Lugre e)	Papesecco a)
Lula e)	Pargo e)
Maduros e)	Patruça e)
Majuguinha b)	Pé de conversa a)
Malino a)	Peixão e)
Maminho a)	Peixe-agulha e)
Manchinha a)	Peixe-anjo e)
Mandado a)	Peixe-espada e)
Maneira a)	Peixe-lua e)
Manteiga de cor a)	Peixe-martelo e)
Manteiga de porco a)	Peixe pissa e)
Maquenilha b)	Peixe-prego e)
Mar chão e)	Peixe-rei e)
Maresia e)	Peixe-aranha e)
Marimbar a)	Pele de iró a)
Marítimo e)	Pereiro a)
Marmelo e)	Pêro a)
Martunho b)	Pesca de cana e)
Mata-bicho a)	Pesca do alto e)
Mau de fazer a)	Pesca do anzol e)
Melga e)	Pescada-bicuda e)
Mero e)	Pescada e)
Mexilhão e)	Pescador de picada b)
Moiral a)	Pespenega a)
Molhar a obra a)	Pestói a)
Molho d)	Picaxo d)
Morca e)	Pingente b)
Moreão e)	Pinha arreganhada a)
Moreia e)	Pinheiro-bravo a)
Moura a)	Pinto plainudo a)
Mugem e)	Pirolito a)
Não Haver Meio a)	Poita e)
Não Tem Dúvida a)	Poltra e)
Navalheira	Polvo e)

Polvo mijão e)	Sarrajão e)
Ponte leme e)	Savelhas e)
Porfiar e)	Sei cá... a)
Porrar a)	Serrajão d)
Pôr-se a pau a)	Sonhos a)
Pota e)	Sopas a)
Prantar a)	Sovinudos b)
Prega secas a)	Tagana e)
Privado a)	Tainha e)
Procurar a)	Tamboril e)
Quarteladas e)	Tanja a)
Rabino a)	Tarimba a)
Raia e)	Teca a)
Ralo a)	Telé isso d)
Ramada de popa e)	Ter avondo a)
Rato e)	Ter cegueira a)
Realejo a)	Terra da verdade a)
Rebera e)	Tintureira e)
Rebiteso a)	Tipi b)
Rebocada a)	Tomate da Índia a)
Rede e)	Toninha a)
Regataria a)	Torneio da sueca a)
Repeso a)	Trabalhar de empreitada a)
Rijeza a)	Trabalhar de jorna a)
Roaz e)	Tralha e)
Robalo e)	Tramela a)
Rodovalho e)	Tremelga e)
Safia e)	Trojia a)
Safio e)	Trole e)
Saima e)	Trote e)
Salema e)	Tubarão e)
Salmonete e)	Uja, Uga e)
Sansonete a)	Urtiga e)
Santola e)	Variar a)
Sapatinhos de ir à uva a)	Várias e)
Sardinha e)	Venda a)
Sardinheira e)	Vendaval a)
Sargacina b)	Ver a arder e)
Sargo e)	Verdeman e)

Verdes e)

Vereda b)

Viola e)

Voador e)

Xáreu e)

Xávega e)

FONTES

vereda

esticar mais do que os elásticos

casqueira

parrete

escalavarda

alvalar

impostar

cuchara

endireita

partaminina

atã

enleia
pêra

garra

projeto

chui

maca preta

judeu

não há quimeras

ter amanda

alarvidade

escangalhar

galega

pimpalho

carapela

pirate

macho

FONTES

disgustosa

esmorecida, xarifa

dar noia

pícaras

avriar o calhau

fueirada

carrega

lôcho

amambador

descarçoa

pinto phainuda

calhau

errado

cigueira

garnear

sair da calma

encher o bandulho

magane

conduta

mangar

ter bichos carpinteiros

Documentos de arquivo

DA001- AMSNS. CMSNS. *Fichas bibliográficas de poetas populares. Poemas-relatos. Contos, Monografia de Sines. Retalhos da História de Sines.* 1982-1994.

DA002- AMSNS. CMSNS. Vereações, liv. 6, fl.80v-81v, 6 de Janeiro de 1722.

DA003- AMSNS. CMSNS. Provimentos, liv. 1, fl.62v-65, 22 de Novembro de 1739.

DA004- AMSNS. CMSNS. (2018-2019). *Programas e Iniciativas. Candidatura Programa EDP Tradições. Glossário.*

Expressões populares. Ficheiro elaborado pelo Arquivo Municipal em 2018-2019 com a recolha de expressões junto de familiares, amigos e da comunidade. António Campos, Gonçalo Chinita, Hélder Mestre, Sandra Patrício, Paula Dionísio, Maria da Luz, Ana Paula Patrício Dâmaso Silva, Filipa Faria, Manuel António Dâmaso da Silva, Brissos Manuel, Nazaré Maria Patrício, Henriqueta Inácia Dâmaso, Teatro Amador de Sines, Francisco do Ó Pacheco, Catarina Campos, Paulo Mestre, Sérgio Cordeiro. Alguns dos termos foram recolhidos no dia 22 de Abril de 2019, no âmbito do Dia Internacional de Monumentos e Sítios (Dizeres22abril). Recolha da Biblioteca Municipal de Sines (RBMSNS).

DA005- AMSNS. CMSNS. Vereações, liv. 4, fl.206v-208.

DA006- AMSNS. CMSNS. Correspondência recebida pela Câmara Municipal de Sines remetida pela Assembleia Municipal em 1997, idd35 n.º611, doc.58.

DA007- AMSNS.CMSNS (2019). *Programas e Iniciativas, Candidatura Programa EDP Tradições. Contributos Para o Projecto Dizeres.* Contributos para projeto DIZERES (Respostas). Ficheiro de recolha de expressões via digital.

Entrevistas

AMSNS. CMSNS (2015-2019). Comunicação e Imagem. Programas e Iniciativas. Mar de Sines. Transcrições de Entrevistas, IDD n.º 39.

AMSNS. CMSNS (2015-2019). Comunicação e Imagem. Programas e Iniciativas. Comissões de Moradores. Transcrições de Entrevistas, Dizeres.

EH002. Projecto do Silêncio à Liberdade, 2014, Entrevista a Durval Ferreira.

EH003. Projecto Comissões de Moradores: Entrevista a Catarina e Luís Andorinha de 2017.

EH006. Projecto Comissões de Moradores: Entrevista a Joaquim Matias, 2015-2016.

EH009. Projecto Comissões de Moradores: Entrevista a Arménio Gonçalves de 2017.

EH010. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015/08/12 a Francisco Venturinha (Chico Cristóvão).

EH013. Projecto Mosaico das Memórias, 2015, Entrevista a Antero Raposo.

EM005. Projecto Comissões de Moradores: Entrevista a Otilia Costa 2015-2016.

EM014. Projecto Mar de Sines: Entrevista a Susete Correia, 2015.

EH020. Projecto Mar de Sines: Entrevista a Luís Martins, 2015.

EH.022. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de Carlos Peniche.

EH023. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de Manuel Cristóvão Rocheta da Luz, Quarteira.

EH024. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de Nuno Ferreira.
EH025. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de Fernando Correia.
EH027. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de Joaquim Barranca.
EH029. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de António Santana
EH031. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de Aurélio Casal.
Eh032. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 a Carlos Ribeiro.
EH033. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 a Eleutério Silva.
Eh034. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de Isidro do Ó.
EH035. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de Jaime Gonçalves.
EH036. Projecto Mar de Sines: Entrevistas em 2015 a João Faria
EH037. Projecto Mar de Sines: Entrevista 25/03/2015. Joaquim Duque
EH038. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de José André
EH039. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de José Bento.
EH042. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015. Lourenço Estêvão.
EH047. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015. Jorge Miguel Pereira
EH049. Projecto Mar de Sines: Entrevistas em 2015 de Ramiro Prendas.
EH052. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de António Maria Mateus
EH053. Projecto Mar de Sines: Entrevista de 2015 de Isaiás José Pereira
EH059. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de Carlos Oliveira
EH060. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de Luís Manuel Pereira.
EH061. Projecto Mar de Sines: Entrevista 2015 a António de Campos
EH063. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de Luís Casal
EH064. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de António Rito.
EH065. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015. Sabino Campos e Ramiro Prendas
EH066. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de António José Almeida e Sérgio Farias.
EH067. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015. Carlos Espadinha
EH068. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015. João Custódio
EH069. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015. Orlando Correia.
EM003. Projecto Comissões de Moradores. Entrevista a Antónia Romão em 2016.
EM006. Projecto Comissões de Moradores. Entrevista a Antónia Romão em 2016.
EM010. Projecto Mar de Sines: Maurício e Fernanda Venturinha em 2015.
EM011. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 a Custódia da Guia Malafaia
EH012. Projecto Mosaico das Memórias. Melinita Freire, 2015.
EM015. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de Alice Mateus.
EM016. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de Laurinda Viegas
EM020. Projecto Mar de Sines: Entrevista em 2015 de Inésia Rocha.

Referências bibliográficas

- BIB001 - LOPES, 1850.
BIB002 - PACHECO, 1999.
BIB003 - PACHECO, 2017.
BIB004 - LEAL, 2001.
BIB005 - CAMPOS, 1985.
BIB006 - CAVALINHOS, 1989.
BIB007 - SOLEDADE, 1999.
BIB008 - VILHENA, 2006.
BIB009 - TEIGA, 2005.
BIB010 - SILVA, 1989.
BIB011 - SILVA, 1996.
BIB012 - SILVA, 1993.
BIB013 - BRANDÃO, 2018.
BIB014 - CORREIA, 1996.
BIB015 - AL BERTO, 1981.
BIB016 - MUNICÍPIO DE SINES, 2010.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

Arquivo Municipal de Sines

- AMSNS. CMSNS (1712-1747). *Provimentos*, liv. 1.
AMSNS. CMSNS. *Vereações*, liv. 4, 1702-1710
AMSNS. CMSNS. *Vereações*, liv. 6, 1717-1727
AMSNS. CMSNS. *Vereações*, liv. 10, 1766-1790.
AMSNS. CMSNS. *Fichas bibliográficas de poetas populares. Poemas-relatos. Contos, Monografia de Sines. Retalhos da História de Sines*. 1982-1994. IDD 23, n.º2011.
AMSNS.CMSNS. (2018-2019). *Programas e iniciativas. Candidatura Programa EDP Tradições. Glossário*.
AMSNS.CMSNS (2019). *Programas e iniciativas, Candidatura Programa EDP Tradições. Contributos Para o Projecto Dizeres*. Transcrição de Entrevistas, Dizeres.
AMSNS. CMSNS (1997). *Correspondência recebida pela Câmara Municipal de Sines remetida pela Assembleia Municipal em 1997*, IDD 35, n.º611, doc.58.
AMSNS. CMSNS (2015-2019). *Comunicação e Imagem. Programas e Iniciativas*. Mar de Sines. Transcrições de Entrevistas, IDD n.º 39.

Dicionários

BLUTEAU, Rafael (1712-1728). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. - 10 vol.; Disponível em <http://purl.pt/13969>

BLUTEAU, Rafael (1712a). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Vol I. Disponível em http://purl.pt/13969/4/1-2771-a/1-2771-a_item4/1-2771-a_PDF/1-2771-a_PDF_24-C-R0090/1-2771-a_0000_capa-capa_t24-C-R0090.pdf

BLUTEAU, Rafael (1712b). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Vol II. Disponível em http://purl.pt/13969/4/1-2772-a/1-2772-a_item4/1-2772-a_PDF/1-2772-a_PDF_24-C-R0090/1-2772-a_0000_capa-capa_t24-C-R0090.pdf

BLUTEAU, Rafael (1713a). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Vol III. Disponível em https://archive.org/details/b30414581_0003/page/n6

Bluteau, Rafael (1713b). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Vol IV. Disponível em <https://archive.org/details/BluteauVolIvLetrasFjVocabPortuguezLatino/page/n19>

BLUTEAU, Rafael (1713c). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Vol V. Disponível em https://archive.org/details/b30414581_0005/page/n5

BLUTEAU, Rafael (1720a). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Vol VI. Disponível em http://purl.pt/13969/4/l-2776-a/l-2776-a_item4/l-2776-a_PDF/l-2776-a_PDF_24-C-R0090/l-2776-a_0000_capa-cap_a_t24-C-R0090.pdf

BLUTEAU, Rafael (1720b). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Vol VII. Disponível em https://archive.org/details/b30414581_0007/page/n6

BLUTEAU, Rafael (1724). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Vol VIII. Disponível em https://archive.org/details/b30414581_0008/page/n4

BLUTEAU, Rafael (1727a). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Suplemento Parte II. Disponível em https://archive.org/details/details/bub_gb_MCIIQdcLRAMC/page/n105

BLUTEAU, Rafael (1727b). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Suplemento Parte I. Disponível em https://archive.org/details/details/bub_gb_MCIIQdcLRAMC/page/n105

Dicionário InFormal: Significados, Definições, Sinônimos, Antônimos, Relacionadas, Exemplos, Rimas, Flexões. [em linha]. Consultado em 2018-2019. Disponível em <<https://www.dicionarioinformal.com.br/>>.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2019. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/> [Consultado entre Dezembro de 2018 e Agosto de 2019]

FIGUEIREDO, Cândido de (2010) [em linha]. *Novo Dicionario da Língua Portuguesa*. S.l: Project Gutenberg. Disponível em https://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf?session_id=d73e5d25bf49a8081ba06689aeacaf0557e31598. [Consultado entre Dezembro de 2018 e Agosto de 2019].

VIEIRA, Domingos Vieira (1871). *Grande Dicionário Português ou Thesouro da Língua Portuguesa*. Porto: Ernesto Chardron e Bartolomeu H. de Morais. Vol. I.

VIEIRA, Domingos Vieira (1873a). *Grande Dicionário Português ou Thesouro da Língua Portuguesa*. Porto: Ernesto Chardron e Bartolomeu H. de Morais. Vol. II.

VIEIRA, Domingos Vieira (1873b). *Grande Dicionário Português ou Thesouro da Língua Portuguesa*. Porto: Ernesto Chardron e Bartolomeu H. de Morais. Vol. III.

VIEIRA, Domingos Vieira (1873c). *Grande Dicionário Português ou Thesouro da Língua Portuguesa*. Porto: Ernesto Chardron e Bartolomeu H. de Morais. Vol. IV.

VIEIRA, Domingos Vieira (1874). *Grande Dicionário Português ou Thesouro da Língua Portuguesa*. Porto: Ernesto Chardron e Bartolomeu H. de Morais. Vol. V.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL BERTO (1981). *Mar de Leva: sete textos dedicados à vila de Sines*. Sines: edição do autor.

AAVV (2014). *As espécies mais populares do MAR de Portugal: num restaurante perto de si*. Trad. de Marianne Correia e Ana Martins. Lisboa: Ciência Viva – Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica. Consultado em 2019/06/03. Disponível em < http://www.cienciaviva.pt/oceano/home/Catalogo_Especies_do_MAR_de_Portugal_23x21.pdf >.

AUGUSTO, Joaquim (1996). *Pé no Mar – Pé na Terra*. 1ª ed., Prefácio de Vítor Paquete. Santiago do Cacém: Edição do autor.

BANZA, Ana Paula e GONÇALVES, Maria Filomena (2018). *Roteiro de História da Língua Portuguesa*. Évora: Cátedra UNESCO em Património Imaterial e Saber-Fazer Tradicional. Disponível em < http://www.catedra.uevora.pt/unesco/index.php/unesco_pt/content/view/full/2988 >.

BOTAS, Ana *et al.* (2014). *Artes de pesca: pescadores, normas, objetos instáveis: roteiro da exposição* [documento electrónico]. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia. Consultado em 3 de Julho de 2015. Disponível em < <https://drive.google.com/file/d/0BygUg4LhelwqQXRDWGRwMXVxQ2M/edit> >.

BRANCO, Jorge (2018). *Comenda com gente: fotobiografia de uma Aldeia Alentejana*. 1ª ed. Lisboa: Edições Colibri.

BRANDÃO, Raúl (2018). *Os Pescadores*. [Edição fac-similada]. Lisboa: Edições a Bela e o Monstro.

CAMPOS, Maria Manuela Viana S. (1985). *Monografia de Sines*. Ilustrações de Maria do Céu Lopes Paulo. Sines: Escola Primária de Sines n.º 1.

CASTRO, Ivo e SILVESTRE, João Paulo (coord) (1997-2017). *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos, de José Leite de Vasconcelos* [dicionário electrónico]. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. [Consultado em 2019/01/03]. Disponível em < <http://beta.clul.ul.pt/teitok/dra/index.php?action=home> >.

CAVALINHOS, José Manuel (1989). *Retalhos da História de Sines*. Sines: Câmara Municipal de Sines.

CORREIA, Paula Cristina Gonçalves (1996). *Uma Comunidade Piscatória em Sines – O Bairro Marítimo*. Dissertação de mestrado em sociologia aprofundada e realidade portuguesa. [documento policopiado]. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dois volumes.

FREIRE, Anselmo Braacamp (1906). “Povoação entre Tejo e Guadiana no XVI século”. *Arquivo Historico Portuguez*, Vol. IV, p. 334.

FLORENCIO, Manuela (2011). *Dialecto alentejano: contributos para o seu estudo*. 3ª ed. Lisboa: Edições Colibri.

GONÇALVES, Jorge e SILVA, José Augusto (1997). *Costa Sudoeste: macrofauna marinha*. Odemira: Parque Natural da Costa Alentejana e da Costa Vicentina.

LEAL, Américo (2001). *Quem Somos!: testemunhos*. 1ª ed. S.l.: edição do autor.

LOPES, Francisco Luís (1850). *Breve Notícia de Sines, Pátria de Vasco da Gama*. Lisboa: Typographia do Panorama.

LOURENÇO, Frederico (2019). *Nova Gramática do Latim*. 1ª ed. Lisboa: Quetzal Editores.

MATOS, Carla Raquel da Silva e PINTO. (sem data?). “Marta Raquel Ferreira. A Indústria transformadora de cortiça em Santa Maria de Lamas, nos anos 50 e 60”. *Revista da Faculdade de Letras História*. Porto, 3.ª série, Vol. IV, p. 310. Consultado em 28 de Agosto de 2019. Disponível em < <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2361.pdf> >.

MUNICÍPIO DE SESIMBRA. TURIM FORUM SESIMBRA (S.D). *Sesimbra é Peixe* [recurso em linha]. Sesimbra: Câmara Municipal. Consultado em 3 de Julho de 2019. Disponível em < <http://sesimbraepeixe.pt/> >.

MUNICÍPIO DE SINES (2009). *Redes do Tempo: jornal do Museu de Sines*. Sines: Câmara Municipal. N.º 1, Maio de 2009. Disponível em < http://www.sines.pt/cmsines/uploads/document/file/3093/Jornal_Redes_do_Tempo_n._01.pdf >.

MUNICÍPIO DE SINES (2010). *Redes do Tempo: jornal do Museu de Sines*. Sines: Câmara Municipal. N.º 3, Agosto de 2010. Disponível em < http://www.sines.pt/cmsines/uploads/document/file/3095/Jornal_Redes_do_Tempo_n._03.pdf >.

PACHECO, Francisco Maria do Ó (1999). *Crónica da Primeira Greve Ecológica em Portugal*. S.l.: edição do autor.

PACHECO, Francisco do Ó (2017). *O despontar do elefante com pés de barro*. Lisboa: Página a Página.

PATRÍCIO, Sandra e PEREIRA, Paula (2017). *Sines, a Terra e o Mar*. Sines: Câmara Municipal de Sines.

RIBEIRO, Margarida (1970). *Recolocção do Polvo na Costa do Algarve*. Lisboa: edição da autora.

SANTOS, Miguel Neves dos *et al.* (2007). *Catálogo de espécies de pezes de interés comercial de la costa sur atlántica de la Pensínsula Ibérica = Catálogo de espécies de peixes de interesse comercial da costa sul atlântica da Pensínsula Ibérica*. Sevilha: Junta de Andalucía.

SILVA, António Arthur Baldaque da (1892). *Estado actual das pescas em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional. Consultado em 28 de Agosto de 2019. Disponível em < https://www.europeana.eu/portal/pt/record/9200143/BibliographicResource_2000069314514.html >.

SILVA, Manuel João da (1989). *Riqueza tradicional dos falares regionais. Recolha feita nos concelhos de Santiago do Cacém e Sines*. Santiago do Cacém: Câmara Municipal de Santiago do Cacém.

SILVA, Manuel João da (1993). *O mastro da Fonte Lobo. Riqueza tradicional dos falares regionais*, vol II, 2.^a ed. Santiago do Cacém: Câmara Municipal de Santiago do Cacém.

SILVA, Manuel João da (1996). *Pobrezinhos e malteses de porro e manta. Riqueza tradicional dos falares regionais*, vol. III. Santiago do Cacém: Câmara Municipal de Santiago do Cacém.

SOLEDADE, Arnaldo (1999). *Sines, Terra de Vasco da Gama*. 4.^a ed. Sines: Câmara Municipal de Sines.

TEIGA, Carlos (org) (2005). *Romanceiro e Oracioneiro da Tradição Oral do Sudoeste Alentejano: Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém e Sines*. Santiago do Cacém: Edição do autor.

VASCONCELLOS, José Leite de (1938). *Opúsculos: Etnografia, Parte II, Vol. VII*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

VILHENA, José Rodrigues (2006). *A Essência da Raiz: crónica, conto e poesia*. Sines: Edição do autor.

CÂMARA MUNICIPAL DE SINES

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

Nuno José Gonçalves Mascarenhas

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

José Luiz Martins Batalha

VEREADORES

Fernando Ramos

Filipa Faria

José Manuel Arsénio

Paula Ledo

Hélder Guerreiro

José Ferreira Costa

Organização



Com o apoio da 3ª Edição Programa Tradições



Parcerias



